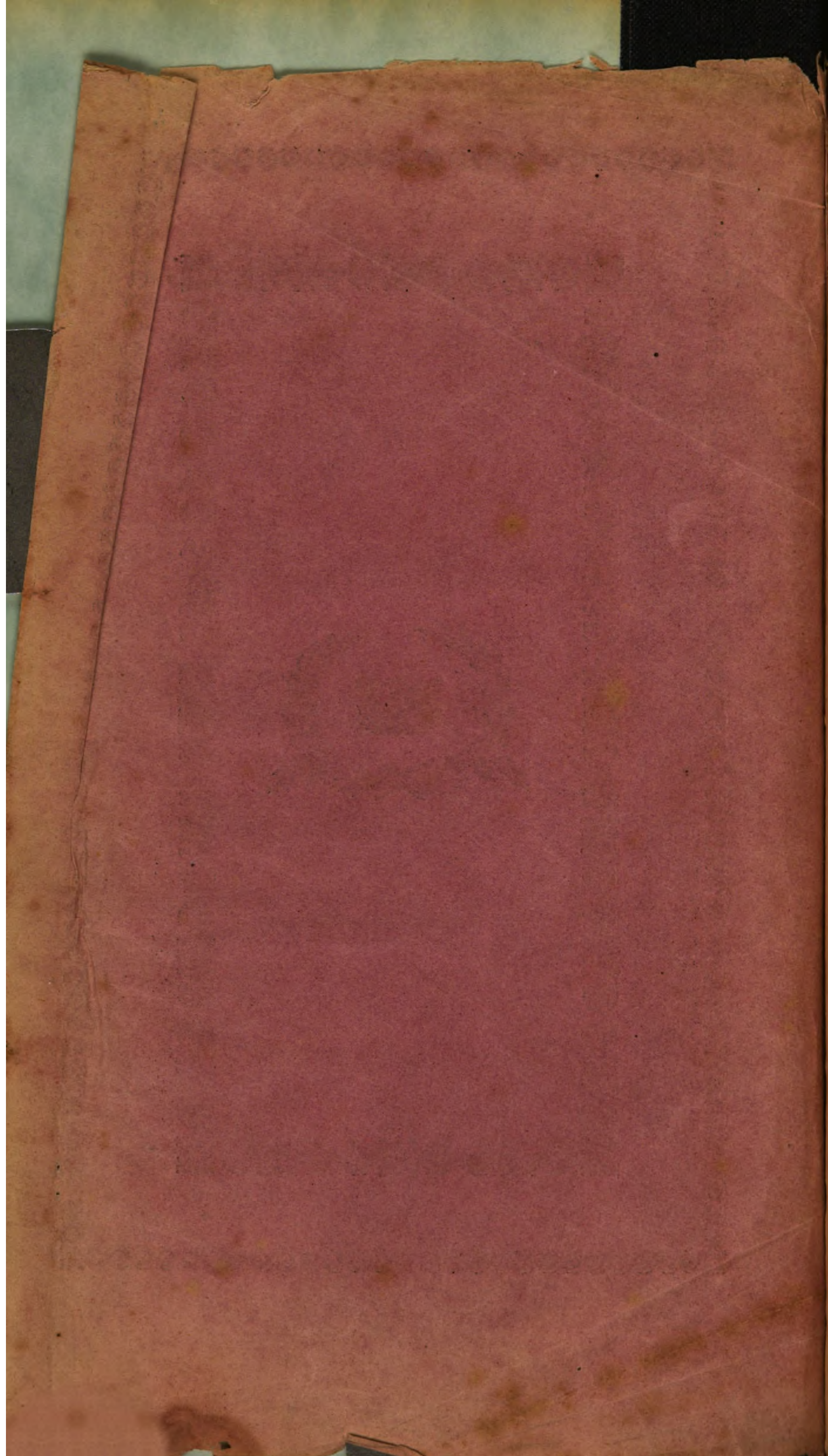

UNIVERSITY OF WISCONSIN
LIBRARY





APOLOGIA

de

CAMÕES

CONTRA AS REFLEXÕES CRITICAS

DO

P. José Agostinho de Macedo

sobre o episodio

de

ADAMASTOR

no Canto V. dos Lusiadas.



LISBOA

Na Typographia do Largo do Contador Mór n.° 1.

1840.

CONTO.

Tendo certo Critico famoso ajuntado todos os defeitos de um grande Poeta, fez delles presente a Apollo. Este Deos os recebeo graciosamente, e determinou recompensar o Autor de um modo conveniente ao trabalho, que tivera. Com este intento poz-lhe presente um pouco de trigo por alimpar, e ordenou-lhe que separasse a palha, e a pozesse á parte. Começou o Critico a trabalhar com muita industria e deligencia, depois de ter feito a separação Apollo lhe deo a palha pelo seu trabalho.

Boccalini. cit. por
Addisson no seu disc. sobre
o Poem. de Milt.

PREFAÇÃO.

TENDO sahido á luz publica nos fins do anno de 1811 um folheto de 34 paginas em 12, composto pelo padre José Agostinho de Macedo, com o titulo « *Reflexões Criticas*, *sobre o episodio de Adamastor no canto V. dos Lusiadas* » e parecendo-nos então que aquelle escripto não podia ter outro fim senão vilipendiar Camões e escurecer a bem merecida fama do seu nome; inspirar aos Portuguezes o desgosto da leitura da obra mais sublime da litteratura nacional; dar talvez uma direcção falsa e nociva aos estudos da mocidade; e por ultimo fazer figurar aos Portuguezes todos, menos um, como barbaros no meio da Europa civilisada; resolvemos, em desafogo da nossa indignação, e em desagravo do Poeta, escrever a *Apologia*, que agora se vai reimprimir.

Este opusculo, que por motivos de prudencia se não julgou conveniente publicar n'aquelle tempo em Portugal, foi, alguns annos depois, impresso, quasi a nosso pesar, em Santiago de Compostella, na Officina typograf. *de D. Joam Moldes*, em 1819: 4.º: mas a difficuldade, ou impossibilidade de o fazer correr no reino, e logo depois as alterações publicas, e a morte do editor, fizeram tão raros

os exemplares, que se pode dizer, que a obra ficou totalmente ignorada dos Portuguezes.

Não haveria nisto, por certo, grande perda; porquanto, a despeito da critica insensata, o Poeta continuou a receber, desde aquelle tempo, os mais solemnes testemunhos de publica e geral estimação, tanto dos sabios e litteratos estrangeiros, como dos nacionaes [a], e nós, que muito bem sabiamos não ter escripto cousa alguma, que não fosse conhecida, e até familiar aos verdadeiros eruditos Portuguezes, por contentes nos davamos de ter pago á memoria do grande Poeta o apoucado, mas sincero tributo da nossa admiração, e louvor, e de o ter, em certo modo, desafrontado das indignas, malevolas, e invejosas censuras do critico vaidoso e presumido.

Comtudo como agora, ha poucos mezes, vimos annunciada nos periodicos publicos a *Censura dos Lusiadas por J. A. de Macedo*; querendo (ao que parece) renovar-se, e recommendar-se por este modo a leitura das *Reflexões criticas*, e de outras semelhantes obras, que por honra do seu autor, e da

---

[a] Em 1817 sahio á luz publica a magnifica e esplendida edição dos Lusiadas, com que o illustre e sabio D. José Maria de Sousa exaltou a gloria de Camões, a da nação portugueza, e a sua propria, e enriqueceo as bibliothecas dos Principes, e das Sociedades e Corporações sabias da Europa. Esta edição servio de texto a algumas das muitas obras que depois se tem publicado.

Em 1818 se imprimio em Madrid a nova traducção castelhana do Poema de Camões, por D. Lamberto Gil.

Em 1820 sahirão á luz as Memorias da Vida e Obras de Luiz de Camões por John Adamson, cheias de noticias tão curiosas como importantes. 2 vol. em 18.

nação deviam ficar supprimidas em perpetuo esquecimento: pareceo-nos tambem conveniente e opportuno reimprimir a *Apologia*, copiando-a com pequenas alterações, e additamentos da citada edição de *Santiago* (excepto o *Prologo*, que não é nosso); não já com o fim de relevar os grosseiros erros, e semrasões do Critico, cujo credito litterario, tão apaixonadamente exagerado em sua vida por motivos estranhos á litteratura, ficou depois da sua morte á conta da justa e imparcial posteridade; mas sim, e tamsómente para que pela publicação de taes obras se não presuma serem os actuaes Portuguezes tão rudes e tão barbaros, que approvem, ou olhem com indifferença as injurias feitas ao maior Poeta das Hespanhas, ao mesmo tempo que os estrangeiros lhe dão multiplicados testemunhos de estimação e louvor.

Em 1824 imprimio Lord Strangford o Poema de Camões.

Em 1825 sahiram em francêz os Lusiadas, novamente traduzidos, e ornados com eruditas notas por Mr. Millié, em 2 vol. 8.º

Em 1826 publicou A. Briccolani, em Paris, na typogr. de Firmin Didot a nova e bella traducção italiana dos Lusiadas, em oitava rima.

Em 1828 fez Mr. Rienzi esculpir em Macáo o busto de Camões, e o collocou na celebre gruta consagrada pela presença, e pelos trabalhos do illustre Poeta, com uma inscripção nas linguas chineza e franceza. . . etc. etc.

Assim se tem obstinado o Publico (he a frase de Adrian Baillet, outro censor do Poeta) na estima, e no amor do Poema dos Lusiadas, apesar de todos os defeitos que lhe notão, já por ignorancia, já por inveja, e mui poucas vezes com fundamento, os inimigos da sua gloria, e do seu superior merecimento.

A *Apologia*, no tempo em que foi escripta, e impressa, não podia responder á *censura* a que alludimos, e que agora se annuncia; porque esta sómente foi estampada posteriormente em *Lisboa na Impressão Regia, anno de* 1820, [*com licença*, 2 vol. em 12.

Qualquer porem que fosse a sua data, ella em nenhum caso mereceria particular resposta nossa, por quanto no essencial repete o mesmo que tinha dito das *Reflexões criticas;* e no mais nos parece insensata, torpissima, e verdadeiramente injuriosa á litteratura portugueza. Nunca, por certo, a penna de escriptor algum portuguez se prostituio a tão baixo emprego. O Publico julgará o que bem lhe parecer ácerca della, e do silencio que a respeito della guardamos.



APOLOGIA
DE
CAMÕES.

Com rasão nos ensina, e adverte Quintiliano, que quando nas grandes Obras de Litteratura houvermos de notar algum defeito, o façamos com a moderação, e attenção devida ao distincto merecimento, e á publica reputação de seus autores.

Esta maxima, digna por certo da prudencia, discrição, e sizudeza d'aquelle insigne mestre, é tão conforme aos principios da moral social, como propria dos bem regrados sentimentos de um coração honrado, e virtuoso.

Além de não ser jamais decente, que o homem bem nascido, e bem educado, note, ou reprehenda com expressões de despreso, com dicterios picantes, e com amargosa satyra qualquer genero de defeito, que observe nos seus semelhantes; ha muitos, e mui particulares motivos, que aconselham esta prudente temperança, quando se trata de notar defeitos litterarios, e de os notar em obras, e autores, que por opinião publica, geral, e constante gosam de um lugar superior, e distincto na republica litteraria.

Mostrar estes defeitos, quando são reaes, censurar as obras, e os autores, quando elles se desviam das regras, que o bom gosto tem estabelecido, é um dever do critico illustrado, e um serviço relevante,

que se faz á litteratura. Os melhores mestres da antiguidade não desdenharam esta occupação, e a ella devemos excellentes observações, e preceitos, que ainda hoje guiam os bons engenhos na composição de suas producções, e nos servem de regra para ajuizarmos do seu merecimento.

Porem escurecer com affectado silencio as bellezas, e excellencias litterarias de qualquer obra para somente realçar os seus defeitos: trabalhar por descubrir, e avolumar esses defeitos, quando elles são tão miudos, ou tão raros, que apenas merecem attenção: imagina-los, inventa-los, e imputa-los ao autor, quando em realidade não existem, e desfigurar para isso os seus pensamentos, e as suas frases, ou dissimular com artificiosa fraude a verdadeira intelligencia dellas; e finalmente apresentar ao publico as resultas de tão malogrado empenho em um mesquinho discurso cheio de expressões satyricas, de motejos ridiculos, de dicterios injuriosos, e de petulantes sarcasmos; em lugar de ser um serviço, que se faz á litteratura, é pelo contrario um procedimento totalmente opposto aos seus progressos, é um ultraje, que se faz ao merecimento, e é o sinal menos equivoco de uma alma baixa, e rasteira, que fecha os olhos á luz, por que não é capaz de soportar a sua claridade; que pertende manchar com nodoas impuras o esplendor do alheio merecimento, para que elle não contraste tão fortemente com as trévas da sua ignorancia, que desdenha do homem grande, porque se não atreve a alcança-lo, e segui-lo em sua gloriosa carreira, e que não podendo em fim satisfazer por outro modo a sua orgulhosa vaidade, nem adquirir por obras de verdadeiro valor o conceito e estima, que julga me-

recer; procura por meio de ridiculas graciosidades insinuar-se no animo dos leitores malignos, desprevenidos, ou menos judiciosos, e ganhar por este modo o seu conceito, approvação, e louvor.

Tal parece ter sido o plano, e o desenho do autor das *Reflexões Criticas*, que sahiram impressas em Lisboa sobre o *episodio de Adamastor* no canto V. dos *Lusiadas de Camões.*

A idéa que haviamos formado deste immortal episodio, tanto pela lição do Poeta, como pelo juizo que delle tem feito os mais illustres sabios, e criticos das Nações polidas da Europa, fez que lessemos cheios de admiração e assombro o estranho annuncio da Gazeta de Lisboa de 26 de Dezembro do anno de 1811, em que se inculcavam as *Reflexões Criticas* com a notavel recomendação de se achar nellas *demonstrado até á evidencia*, que aquelle episodio era *a maior incoherencia de Luiz de Camões.*

Sem embargo da nossa admiração, e assombro, abstivemo-nos de fazer juizo algum decisivo sobre o merecimento das *Reflexões Criticas*, até que vissemos, e examinassemos os argumentos, em que o seu autor fundava uma tão rigorosa censura, esperando achar, quando não razões solidas e incontestaveis, ao menos algumas observações serias, e sensatas, que justificassem todavia a intenção do autor, e dessem alguma côr favoravel aos seus reparos.

Com tudo tivemos o dissabor de ver completamente frustradas as nossas esperanças, e não menos aumentado o nosso espanto, quando logo pelo Prologo d'aquelle pequeno folheto vimos que o autor intentava subtrahir-se aos deveres de modestia, e

circunspecção, recomendados por Quintiliano na judiciosa maxima, que fica apontada no principio deste discurso, para entregar-se a toda a liberdade do seu genio, e dar alguma apparencia de desculpa á picante mordacidade, com que pertendia sazonar as suas *Reflexões.*

Ninguem por certo intentará provar, como demanda o Critico, *que os varões antigos tinham auctoridade para descreverem impunemente os disparates que quizessem.* Nem esta podia ser a mente de Quintiliano, nem nós podemos presumir no autor das *Reflexões* tanta rudeza, e ignorancia, que assim o haja entendido de boa fé. Concedemos que os antigos não tinham essa autoridade: confessamos que erraram muitas vezes, e que podiam cahir em *disparates, e absurdos:* reconhecemos nos modernos o direito, e até o dever de os combater, e refutar; de demonstrar, e reprehender seus erros; de rectificar suas idéas; de censurar as suas obras. Mas exigimos ao mesmo tempo com aquelle sabio mestre da antiguidade, que isto se faça com modestia, e circunspecção, 1.° porque é decoroso e devido acatar sempre os grandes homens, e respeitar o seu distincto merecimento: 2.° porque devemos julgar modestamente de nós; recear a imperfeição de nossas idêas, e temer que por ventura nos não pareçam *disparates* o que em realidade são bellezas superiores, e de grande valia: 3.° porque sendo nós tambem sujeitos a cahir em erros, e disparates, não devemos atrahir sobre nós, com o nosso proprio exemplo, os despresos, e zombarias, que nesse caso seriam bem merecida pena da nossa insolencia, e temeridade: 4.° por que quem se val de dicterios, e motejos dá muito

má idêa da causa que defende, e mostra não confiar na força de suas rasões, e argumentos etc. etc.

E se o nosso Critico se não contenta com estas razões, que por ventura não serão do seu gosto; e continúa a perguntar-nos *por que razão um gigante ha-de ter a liberdade de fazer uma parvoíce, e não ha-de ter liberdade um pigmeo de lhe dizer: isto, senhor gigante, é uma parvoíce?* Respondemos no mesmo tom, e linguagem; que um pigmeo, por isso mesmo que é pigmeo, nunca pode ajuizar com certeza e segurança ácerca das parvoíces de um gigante: (1) e que tomando, a despeito disso, a liberdade, e confiança de insultalo, se expõe a ser esmagado por elle, e a pa-

(1) Este principio é fisicamente verdadeiro. Em geral o homem não pode ajuisar das cousas, se não relativamente, e segundo a proporção que ellas tem com a sua natureza, ou com as suas faculdades, e circunstancias. Uma criança tem por incomportavel qualquer pequeno peso, que um homem move com extrema facilidade. Um cégo julga disparates, e absurdos o que ouve a respeito de côres ás pessoas que tem boa vista. Um louco, e insensato zomba, e moteja dos discursos do homem serio, e sizudo, por que lhe parecem outros tantos despropositos. Os pigmeos de Swift houveram por monstruoso, e colossal o homem europeo, e este fez o mesmo conceito a respeito dos habitantes de Brobdingnhag. Por analogia de razão, os felizes atrevimentos de um Poeta criador, devem parecer disparates, e talvez perigosos despenhos, a um genio mesquinho, e rasteiro, que não pode levantar tam sublime, e arrebatado vôo, etc. Esta é a explicação do pigmeo, e do gigante do nosso critico. Elle escolheu a comparação com muito tino, e nós temos o gôsto de a commentar.

gar deste modo a pena do seu insano arrojo, e atrevimento.

Depois deste judicioso Prologo começa o critico a sua censura; mas antes de entrar no principal ponto della, quer dar-nos uma idêa do conceito geral que faz do estilo dos Lusiadas: e este assumpto, que pareceria difficil de tratar-se a qualquer insigne litterato, é decidido, e arrematado pelo nosso critico n'um só rasgo de penna, e em um breve periodo.

Em o longo Poema dos Lusiadas [diz elle pag. 5] *quasi tudo é mera prosa, com esta differença, que se faz tanto mais intoleravel, quanto mais poesia se esperava.*

Eis aqui já uma singular novidade, que o nosso autor nos ensina, e que ninguem antes delle havia conhecido, e publicado! Embora Camões tenha gozado por mais de dous seculos o illustre, e glorioso titulo *de Principe dos Poetas de Hespanha:* embora o seu Poema tenha merecido a constante, e universal estima, applauso, e admiração de uma nação espirituosa, sensivel, e apaixonada, qual a Portugueza: embora tenha sido reimpresso infinitas vezes; traduzido em muitas, e varias linguas, (2) commentado, e defendido por homens illustres em saber, e doutrina, elogiado por estrangeiros sabios, e imparciaes, (3) imitado por estremados

(2) Vej. o P. Thomaz de Aquino no prolog. da sua 2.ª Ediç. de Camões.

(3) Por não fazermos longo catalogo de nomes, contentar-nos-hemos de lembrar sómente aqui o illustre e profundo Montesquieu no seu Esprit des Lois L. XXI Cap. XXI. onde diz que o Poema de Camões fait sentir quelque chose des charmes de l'Odyssée, & de la mag-

Poetas; estudado por todos como obra classica e de superior merecimento; e finalmente colloçado pelo juizo dos mais abalisados criticos entre as poucas epopêas antigas e modernas, que são reconhecidas como taes em toda a litteratura. Tudo isto é puro effeito da preoccupação, e dos *profundos vestigios que deixam em nossa alma as primeiras idêas que adquirimos sobre materias litterarias:* por que em realidade neste Poema tão gabado *quazi tudo é mera proza*, e o seu estilo *pela maior parte frigido, glacial, e perfeitamente prosaico.* (4)

O conselho dos Deoses descripto no Cant. I. Est. 19-42: o soccorro com que Venus, e as Nereidas acudiram ao perigo da Armada Portugueza C. II. Est. 18-28: a supplica de Venus a favor dos Portuguezes ib. Est. 33-55: a descripção geografica da Europa C. III. Est. 6-20: a embaixada da Rainha de Castella D. Maria a seu pae ElRei D. Affonso IV de Portugal C. III. Est. 102-106: a narração dos desditosos amores de D. Ignez de Castro ib. Est. 120-135: a descripção da batalha de Aljubarrota C. IV. Est. 28-46: o sonho de ElRei D. Manuel ib. Est. 68-75: a falla do velho ib. Est. 94-104: a sahida da Armada Portugueza do Porto de Lisboa, e descripção das Costas Maritimas C. V. Est. 1-16: o immortal epi-

---

nificence de l' Enéide. Este elogio na boca de Montesquieu honra tanto o nosso Poeta, quando acredita o depurado gosto, e litteratura daquelle insigne escritor.

(4) Reflex. Crit. pag. 5. 6. 9. &c. Gam. Poem. Narrat. disc. Prelimin. pag. xiv. Já Lamothe disse de Homero, que o seu grande credito era uma pura preoccupação transmittida desde os antigos até nós. Esta casta de criticos tem o mesmo genio em todos os paizes!

sodio de Adamastor ib. Est. 39-60: o Conselho dos Deoses do mar C. VI. Est. 8-37: a descripção da tempestade ib. Est. 70-91: a descripção da India C. VII. Est. 17-22: a descripção do palacio do Samorim ib. Est. 51-54: a pintura das bandeiras, e tapeçarias da Capitania Portugueza C. VIII Est. 1-39: o Canto IX todo: o vaticinio de Thetis C. X. Est. 10-74, e Est. 77-138 etc. etc. tudo isto são ninharias poeticas, *descosidas arengas*, *discursos corriqueiros*, *disparates*, *incohcrencias*, *e absurdos do triste Poeta*, *e emfim mera prosa*, *e estilo frigido*, *e perfeitamente glacial!!* (5)

Qualquer dos nossos escritores das cousas da India (continua o critico pag. 5.) *é para mim muito mais agradavel que Camões.*

Nós não ousamos disputar-lhe a verdade desta proposição, porque ninguem melhor que elle pode saber o que lhe agrada, ou não agrada; e porque tambem pouco importa á republica litteraria saber qual seja o seu gosto em taes materias. Somente nos admiramos: 1.° que prefira a Camões a historia de Castanheda, a cuja linguagem dá o nome de *tristissima prosa*: 2.° que não goste ao menos dos lugares que o grande poeta *furtou a Barros*, visto que *jamais deixou de o trasladar*, *sem mudar o sentido*, *ou frases*, *não fazendo mais que rimár e rebater a castigada prosa deste insigne escritor*: 3.° que tambem lhe cauzem nojo, e fastio os luga-

(5) Taes são as polidissimas expressões, com que o critico se explica a respeito de Camões a pag. 6, 9. 26. 28. 32. &c. das Reflexões Criticas; e no discurso preliminar do seu Gama.

res que Camões *roubou a Virgilio, e a Ariosto principalmente, trasladando-os litteralmente por todo o seu poema:* 4.° finalmente que este mesmo desgosto, e desagrado recaia sobre um Poeta que *lia muito a Ovidio*, que *tinha toda a erudição do seu tempo*, e a quem o proprio critico faz um grande elogio na chamada *Ode Pindarica* im pressa á frente do seu *Gama;* e na 4.ª, 5.ª, e 6.ª estancia do primeiro Canto deste poema. (6)

O critico para nos mostrar que o seu conceito as-

(6) Para se conhecer a olhos vistos a má tenção do critico, ou o seu máo juizo, basta notar as miseraveis contradicções, em que cahe, fallando do Poeta. Já não nos lembramos do que diz na Ode Pindarica, e nas estancias citadas do Gama, porque tudo isso entendemos em sentido ironico. Mas nas proprias Reflexões Criticas, que é um folheto de 34 paginas em 12, a pag. 7. diz que quantas passagens encontraes nas Lusiadas, que são de pura e rigorosa historia, são trasladadas pelo Camões do Barros. A pag. 8. acha que Camões tãobem furtou a Castanheda. A pag. 5. e 9. e no discurso preliminar do Gama diz que em Camões quasi tudo é mera prosa, e que o seu estilo é pela maior parte glacial, e perfeitamente prosaico. A pag 21. diz que não ha uma só oitava nas Lusiadas, que cheire a poesia, que não seja roubada litteralmente o Ariosto. A pag. 15 diz que Camões roubára por todo o poema os versos de Virgilio, e de Ariosto especialmente. A pag. 16, 18, e seguint. diz que o quadro de Adamastor é roubado a Lucano, sua metamorfose a Ovidio, e o seu colorido a Virgilio, Beniveni, Sanazzarro etc. A pag. 32 as Lusiadas são um tecido de incoherencias, e a pag, 34 um montão de inepcias; mas a pag. 23 Camões tinha toda a erudição do seu tempo, e compaginou destramente o seu Adamastor etc. etc. etc.

senta sobre boas razões, e é fundado no exame, a comparação critica de Camões como os outros escritores das cousas da India, cita um, que provavelmente é o que mais o encantou, e arrebatou toda a sua admiração.

E' este Manuel de Faria e Souza na sua *Asia Portugueza*, *cujo primeiro volume* (diz a pag. 5) *está escrito com tanto magisterio, sublimidade, e formosura, que alem de ser entre os bons livros, que ha no mundo, um dos melhores; as tres primeiras partes, que chegam até á morte do grande Affonso d'Albuquerque, consideradas como um poema historico semelhante ao da Farsalia, são infinitamente superiores ás decantadas Lusiadas.*

Manuel de Faria e Sousa é sem duvida um escritor polido, e elegante: mas todos sabem os defeitos que os bons mestres lhe tem notado, como escritor de historia, e quão longe estão os seus livros de serem contados entre *os melhores que ha no mundo.* A expressão do critico é sobre modo exagerada, e se nós não estivessemos tão convencidos da sua vasta erudição, e profundos conhecimentos pelas obras immortaes, que tem sahido da sua bem aparada penna, quasi nos persuadiriamos, só por este argumento, que elle não tem ainda lido nem *os bons livros que ha no mundo*, *nem os melhores de entre elles.*

Se o critico tivesse ao menos examinado com attenção, e reflexão esse *primeiro volume da Asia Portugueza*, a que faz tamanhos elogios, acharia que a morte do grande Albuquerque vem no fim da *Segunda Parte*, e não da *Terceira*, como erradamente escreve: e acharia tambem que Faria e Sousa não fez mais que compendiar nas quatro

partes deste primeiro volume as quatro primeiras *Decadas* do famoso João de Barros, aproveitando-se não poucas vezes de suas proprias palavras, e copiando a cada passo periodos inteiros sem mudança, nem alteração alguma.

E não se presuma que por este modo intentamos deprimir o caracter deste escritor. Elle mesmo nos diz (7) que seu intento foi compilar naquelle primeiro tomo as quatro decadas de João de Barros, bem como *Lucio Floro*, e *Justino* compilaram as historias de *Tito Livio*, e *Trogo Pompeo*, de maneira que quem tivesse a sua Asia *podesse entender que tinha inteiramente a João de Barros, e até citálo, como se o tivera presente etc.*

Mas alem disto, que comparação justa, e rasoavel pode fazer-se em materia de estilo entre a austera severidade da historia, e a licença, e liberdade da poezia? Entre a elegancia ornada mas grave do historiador, e a brilhante pompa, riqueza, luxo, e felices atrevimentos do Poeta? Como pode um Epitome de Barros ser jamais comparado com uma Epopeia, ou *considerado como um Poema historico semelhante ao da Farsalia?* Ou como poderia a mesma *Farsalia*, ou outra composição, que a imitasse, ser preferida a Camões por um entendimento são, e por um homem de gosto?......

A resposta de Vasco de Gama ao Samorim, (8) que o nosso critico acha *infinitamente superior a todas as descosidas* arengas *dos Lusiadas*, é um discurso affectado, e cheio de artificio, que não con-

---

(7) Nas advertencias que vem impressas no principio do 1.° volume da Asia Portugueza.

(8) Asia Port, part. I. Cap. IV n.° 9.

corda com a nobre simplicidade, e concisão energica das fallas d'aquelle illustre capitão, nem convem ás circunstancias, em que elle se achava. João de Barros satisfaz muito melhor ás leis de historiador, quando indirectamente nos descreve a substancia da mesma resposta na Dec. I. Liv. IV C. IX, e o critico elogiando com tanta emfaze aquella *magnifica tirada* mostra tanto o seu máo saber, e estragado gosto, como a injustiça com que trata Camões.

A outra falla de *Nina-Chetu* (9) que o critico chama *estupenda prosopopeia*, e a que dá mais valor, que a todos os *corriqueiros discursos, que tantas vezes se escutam a Baccho, e Venus nos Lusiadas*, é ainda mais impropria das circunstancias, e por isso mesmo mais indigna do louvor de um critico sensato, e judiciozo. Quem soffrerá na verdade que o historiador ponha um discurso cheio de antitheses, e subtilezas na boca de um homem, que desatinado de insana paixão, vai lançar-se ao fogo, e commetter o mais barbaro suicidio? Compare-se outra vez este lugar com o que lhe corresponde em Barros, que é na Dec. II. Liv. IX Cap. VI, e se verá a infinita superioridade deste a respeito do seu compilador, e quão insensatamente se prefere Faria e Souza a Camões por aquelles mesmos discursos, que o fazem tão máo historiador, como pessimo rhetorico.

O critico querendo dar-nos provas mais positivas, e individuaes do *estilo frigido, e prosaico* dos Lusiadas, recorre ao insidioso, ainda que miseravel arbitrio, que tem sido empregado em iguaes

(9) Asia Portug. Part. II. Cap. IX. n.° 6.

circunstancias por outros semelhantes censores, e colhendo d'aquem, e d'alem alguns versos, ou breves frases separadas do contexto do Poeta, suppoem que isto basta para escurecer todas as bellezas que nelle se encontram, e persuade-se ter provado victoriosamente o seu intento.

Nós não seremos injustos; porque nos não move nem a inveja do alheio merecimento, nem a ambição de estabelecer por opiniões extravagantes o nosso proprio credito. Confessamos que ha em Camões versos frouxos, e algumas negligencias e defeitos de estilo: mas primeiramente quando as bellezas predominam em mui superior gráo, seguimos a prudente regra de Horacio:

.... *ubi plura nitent in carmine, non ego poucis*
Offendar maculis.

e em segundo lugar observamos com *La Harpe* (10) que na *Epistola*, no *Dramma*, e na mesma *Epopeia*, e em toda a Poesia que admitte dialogo que narra, e que discorre, devem necessariamente entrar versos, que se não distinguem da prosa, senão pelo *metro*, ou elles sirvam de passagem de um objecto para outro, ou exprimam cousas, que de sua natureza não pedem elevação.

Por exemplo: quando em Virgil. Eneid. L. I. v. 627. Dido diz a Eneas:

Tempore jam ex illo casus mihi cognitus urbis
Trojanae, nomenque tuum, Regesque Pelasgi:

falla como se fallasse em prosa, afóra a disposição metrica dos vocabulos: e com tudo nenhum Critico rasoavel ousaria jámais notar por isso de *prosaico* o estilo da Eneida.

(10) Lycée, ou Cours de Litterat. P. III. L. I. C. I. Sect. II.

O mesmo se deve dizer das palavras de *Eneas* no Liv. II. v. 747.

Ascanium Anchisenque patrem, Teucrosque
Penates Commendo sociis......

e das outras de Achemenides no Liv. III. v. 612.

Ille haec, deposita tandem formidine, fatur:
Sum patria ex Ithaca, comes infelicis Ulixi,
Nomen Achemenides, Trojam, genitore Adamasto,
Paupere (mansissetque utinam fortuna!) profectus.

Nos quaes lugares, e em outros muitos, que se poderiam apontar dos mais insignes Poetas antigos, e modernos, se acha aquella natural simplicidade, e lhaneza, que é propria da prosa; mas accommodada aos objectos de que se trata. (11)

---

(11) Se nos fosse licito comparar as cousas pequenas com as grandes, e usar do mesmo artificio, que o Critico emprega, poderiamos extrahir do seu Gama muitos versos e frases, em que não ha nem sombra de poesia, e então teriamos mostrado que o seu estilo é glacial e perfeitamente prosaico. Por exemplo no C. III. pag. 67.

O Gama apenas viu que já soprava
Um vento occidental........

No mesmo Canto. pag. 80

N'uma dellas o tempo se declara
Em que Diogo Cam no Rio entrara

No C. v. pag. 109

Que se o potente Malabar buscava
Não muito longe do Indostão se achava

No mesmo C. pag. 113

Que afoito, e sem receio á terra desça
E com seus olhos tudo reconheça

E pag. 116

Mas quanto o Rei da terra estranharia,
Se partida tão rapida soubesse!

etc. etc.

Longe pois de admirar-nos que Camões em iguaes circunstancias usasse do mesmo estilo, muito pelo contrario nos pareceria estranho que um Poeta tão judicioso, tão discreto, e tão sabedor da sua Arte empregasse as figuras, e a pompa da locução poetica, onde ella não convinha, contra o bem sabido dictame do grande Mestre.

Singula quaeque locum teneant sortita decenter.

O Critico não só imputa a Camões o *estilo frigido*, e *prosaico*; mas até parece julgallo inhabil para escrever duas linhas em boa prosa; porque nos diz magistralmente (pag. 7.) que *todas quantas passagens se encontram nas Lusiadas de pura e rigoroza historia; são trasladadas de Barros.* E para mostrar-nos a realidade deste seu prodigioso descobrimento, depois de advertir-nos com profunda erudição que *quando Luiz de Camões escreveo, já corria impressa a primeira década do Illustre Barros, que vio a luz em* 1552, *ou* 1554, e que tambem já tinha apparecido *a Historia de Castanheda;* passa a dar-nos exemplos dos criminosos furtos, que o Poeta fez a estes dois Historiadores, *rebatendo* de continuo *a castigada prosa do primeiro*, *e rimando sem ceremonia a tristissima prosa do segundo.*

Em verdade, quando lemos nas *Reflexões Criticas* esta famosa accusação, esperavamos achar notados grandes pedaços historicos, ou pelo menos algumas oitavas inteiras, que só com differença de vocabulos, ou de collocação delles parecessem tomadas de *Barros*, e *Castanheda.* Mas qual foi a nossa admiração, quando vimos que o Critico se limitava a apontar d'entre perto de nove mil versos (12), vinte e tantos somente, tirados dois a dois

(12) Compõe-se os dez Cantos dos Lusiadas de 1102 Oitavas, que fazem 8816 versos.

de differentes oitavas do 1.° Canto dos Lusiadas, e que apenas se parecem com os lugares parallelos dos dois Historiadores por encerrarem algum vocabulo commum, ou por fallarem no mesmo assumpto!

Por exemplo: estas palavras *Castanheda* no L. I. C. VI.

» *O Sultão perguntou a Vasco da Gama se vinha da Turquia* »

foram segundo a opinião do Critico furtadas, e trasladadas por Camões no C. I. Est. 62. aonde diz

» *Está a gente maritima de Luso*
Subida pela enxarcia de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão barbara, e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada,
E perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinham da Turquia. »

Estoutras palavras de *Barros* na Dec. I. L. IV. C. III.

» *respondeu que aquella povoação se chamava Moçambique* »

foram tambem copiadas pelo Poeta na Oit. 54

» *Esta Ilha pequena, que habitamos,*
E' em toda esta terra certa escála
De todos os que as Ondas navegamos
De Quiloa, Mombaça, e de Sofala.
E por ser necessaria, procuramos
Como proprios da terra de habitála:
E por que tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena Ilha Moçambique.

E deste modo são os demais furtos, que se im-

putam ao Poeta: á semelhança dos quaes podéra o Critico notar outros muitos, de que o proprio Camões se não envergonharia, como são v. g. as palavras de *Barros* na Dec. I. L. IV. C. III.

" *finalmente com estas novas, e segurança de gente..... quiz elle* (Gama) *dar pendor aos Navios, por virem já mui çujos* "

furtadas e copiadas pelo Poeta na bellissima Est. 79 do Cant. V.

Aqui de limos, cascas, e de ostrinhos
Nojósa criação das agoas fundas
Alimpámos as naus, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas, e immundas etc.

e as outras palavras tambem de *Barros* no mesmo Lugar:

" *porem de quanto gado vacum traziam, nunca poderam haver delles nma só cabeça: parece que o estimavam; por que alguns bois mochos, que os nossos viram, andavam gordos, e limpos, e vinham as mulheres sobre elles com umas albardas de tabûa* " *etc.*

igualmente *furtadas*, e *copiadas* por Camões no C. V. Est. 62. e 63.

" *A gente, que esta terra possuia,*
Posto que todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que tão mal nos receberam:
Com bailes, e com festas de alegria
Pela praia arenosa a nós vieram,
As mulheres comsigo, e o manso gado
Que apascentavam gordo, e bem criado.
As mulheres quimadas vem emcima
Dos vagarosos bois alli sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,

Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastorís em prosa, ou rima
Na sua lingua cantam concertadas
C'o doce som das rusticas avenas
Imitando de Tytiro as Camenas.

Antes de passarmos a outro assumpto, não podemos deixar de notar ainda que os dois versos da Est. 91. do mesmo C. I.

» *A pedra, o pão, o canto arremessando,*
Da-lhe armas o foror desatinado »

são, segundo o parecer do Critico, *furtadas a Barros na Dec.* I. Cap. IV. aonde diz

» *deffendendo-se com san coragem, a qual lhe ministrava armas de páu, pedra, dentes, e unhas* »

Mas primeiramente: este modo de citar *Barros* ou é nascido de reprehensivel descuido, ou inspirado pelo malicioso proposito de enganar o Leitor sincero, e desacautelado: porque em *Barros* cita-se a *Decada*, o *Livro*, e *Capitulo*, e não somente a *Decada*, e o *Capitulo*, como o Critico faz constantemente. Em segundo lugar: taes palavras se não acham em nenhum dos Capitulos de todo o Livro IV., aonde o Historiador descreve não só os acontecimentos da Armada Protugueza em Moçambique, que é do que trata Camões na referida Oitava, mas toda a viagem de Vasco da Gama á India até voltar a Lisboa. (13) E em terceiro lugar:

(13) As palavras de Barros, que se não acham no lugar citado pelo Critico, foi este busca-las muito de proposito ao Liv. I. Cap. VI. da Dec. I. aonde o Historiador trata de acontecimentos succedidos mais de 50 annos antes da viagem do Gama. E julgou que por alli se fallar de pau, e pedra tinha provado o furto do Poeta!

é tão falso serem aquelles dois versos furtados a *Barros*, que se o Critico tivera a Leitura poetica, de que tanto blasona, facilmente reconheceria nelles a imitação d'aquelle verso de *Virgilio* no Liv. I. v 154.

„ *Jamque faces et saxa volant; furor arma ministrat.* „

aonde o Poeta latino não se dedignou de empregar as *mui plebeas expressões*, que tanto escandalisaram os delicados, e melindrosos ouvidos do nosso Critico.

Da censura geral do estilo de Camões passa o Critico a notar *uma ficção*, que o Poeta introduz no principio do Canto II, a qual, segundo as suas pias, e religiosas idêas, lhe parece o *ultimo excesso* do *ridiculo*, do *absurdo*, e do *abominavel*.

Nesta ficção descobre o Critico com notavel agudeza, e com engraçada jocosidade a *metamorfose de Baccho* em *Clerigo; a sua Ermida; o Painel da Capella-mór; o Diabo feito Clerigo; o Diabo construindo Altares; o Diabo adorando o verdadeiro Deus; o Diabo pintando em um quadro;* e finalmente, *o Diabo com um thuribulo na mão incensando este quadro.* (14)

Na verdade á vista de tantas cousas más, e fêas que criou a fertil imaginação do Critico, era bem natural que se assustasse a sua timida piedade, sem embargo de se achar aliás familiarisada com as grandes operações do Diabo introdusidas no seu *Gama*, principalmente nos Cantos V, e VII, e com as diabruras ainda mais espantosas, que a cada passo se lêm no seu tão querido, e gabado Ariosto.

(14) Reflex. Crit. pag. 10.

Mas ainda bem que nada do que o Critico imaginou veio, se quer, á cabeça do Poeta! ..... O facto é, que sabendo Camões pela Historia que os Mouros d'aquella Costa Oriental de Africa pertenderam armar traição ao Heróe Portuguez, persuadindo-lhe que em Mombaça havia alguma Christandade, afim de com este artificio o moverem a fundear dentro do Porto; lançou mão desta circunstancia para ornar o seu Poema: e havendo escolhido a Baccho, como Divindade protectora da India, para principal agente dos obstaculos, que os Portuguezes encontraram no glorioso proseguimento da sua empresa, naturalmente lhe attribuio o fraudulento artificio dos Mouros, e os falsos, e fingidos signaes de christandade, com que intentaram illudir os Portuguezes.

O erudito Millié nas notas ao C. 2. not. 1. e 3. adverte que esta ficção tinha um fundamento historico, e que effectivamente havia em Mombaça Christãos da Abynirica, e um templo seu, ornado de imagens Christãas.

Debaixo deste plano suppoz o Poeta que aquelle mentiroso Deus

.... que urdia a falsidade
Por ver o navegante destruido,
Estava n'uma casa da Cidade
Com ros o humano, e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Um altar sumptuoso, que adorava.

Suppoz mais, e descreveu a illusoria pintura, que alli se appresentou aos olhos dos Portuguezes; a veneração que estes lhe deram

.... não vendo que enganados
Os tinha o falso, e santo fingimento,

e finalmente o apparente respeito, com que o mentido sacerdote em honra dos objectos alli representados

Os cheiros excellentes produsidos
Na Panchája odorifira queimava.

Não ha pois aqui *metamorfose* alguma de *Baccho em Clerigo*, nem *ermida*, nem *painel*, nem *o Diabo feito clerigo etc. etc.* Tudo isto são facecias, e donaires, com que o Critico costuma desenfastiar os leitores, e dar uma côr engraçada aos seus escritos, aliás profundos, e sustanciosos.

Tambem nada ha contrario ás idêas da Theologia Christã (cujo systema o Critico deve saber) segundo aqual póde muitas vezes o espirito da malicia, e da mentira simular com algumas externas apparencias de verdadeira religião os seus perfidos, e malignos intentos, afim de mais facilmente colher no astuto laço os incautos corações dos homens.

Se o Poeta referisse singellamente (como quer o Critico) *o que conta Castanheda* no L. I. Cap. IX, o Critico lhe chamaria então *plagiario*, e miseravel *Copista* de *tristissima prosa:* como porem se aproveitou do facto historico para ornálo com liberdade poetica, é um extravagante, que *solemnemente delira*, e que tocou as ultimas raias *do ridiculo, do absurdo* e *do abominavel!* assim

. . . . *ambiguis ars stupet ipsa malis!*

O Critico rompe neste lugar n'uma invectiva, que em qualquer escritor methodico, e sisudo pareceria um verdadeiro delirio: tão despropositada é, e tão fóra de tempo, de lugar, e da razão!

Queixa-se de Manuel de Faria e Souza que *deitou a perder o seu mesmo Commentado com a prodigioza, e recondita erudição, que intempestivamente a-*

carretou para o illustrar. Queixa-se de que com este intuito *posesse em frente* as passagens originaes de *tantos e tantos Poetas Italianos* então conhecidos em Portugal. Queixa-se ao mesmo tempo de que estes Poetas Italianos sejam hoje tão *fatalmente ignorados:* e queixa-se emfim de que os Portuguezes para estrago irreparavel de sua maternal linguagem assentassem que deviam preferir a litteratura Franceza a outra qualquer erudição.

O nosso objecto não é defender os Commentarios, que Faria e Sousa fez a Camões, nem avaliar neste ponto o seu merecimento. Basta-nos somente advertir que á excepção de algumas pequenas, e não muito importantes correcções, que menos prudentemente fez no texto do Poeta, em nada mais o *deitou a perder* para os Leitores doutos, e entendidos; porque estes olham sempre os *Commentarios* como um mero subsidio, que póde em algum caso illustrar os lugares mais difficeis, ou menos claros do Autor commentado, e nunca jámais como guia infallivel, daqual nos não seja licito desviar-nos na intelligencia do mesmo Autor.

As passagens originaes dos *Poetas Italianos* com que Faria e Sousa quiz enriquecer, e ornar os seus *Commentarios*, nenhum pejo fazem nem ao Poeta, nem ao Critico. O Poeta nada perde com isso; e o Critico deve demais a mais comprazer-se de ver figurar distinctamente a sua muito amada *litteratura Italiana.*

Se os Poetas Italianos conhecidos n'aquelle tempo em Portugal fossem hoje tão *fatalmente ignorados*, como diz o Critico, seria na verdade uma desgraça para a nossa litteratura: mas em quanto elle nos não der outras provas desta ignorancia

mais que a sua affirmativa, ousamos desmentilo redonda e solemnemente, e protestar pelo credito de muitos eruditos Portuguezes do nosso conhecimento, que lêem com gôsto, e intelligencia as boas obras antigas e modernas dos mais insignes escritores Italianos.

Finalmente a preferencia, que os Portuguezes do seculo passado julgaram dever dar á erudição Franceza, era uma preferencia justa, e rasoavel, fundada na reconhecida vantagem que os escritores Francezes do sempre memoravel Seculo chamado de Luiz XIV levavam em geral aos de toda a Europa, e na multidão de excellentes obras de todo o genero, que a França produziu n'aquella época venturosa da sua litteratura.

Se daqui se seguiu o *estrago irreparavel* da nossa linguagem, não é nisso culpada a *erudição Franceza:* o mesmo poderia acontecer, e naturalmente aconteceria, se os Portuguezes se inclinassem com preferencia para a litteratura Italiana.

Os culpados neste estrago são os máos litteratos, e pessimos escritores, que ignorando a sua propria linguagem, ou despresando as riquezas, que ella liberalmente lhes offerece, adoptam sem necessidade, sem escolha, e sem tino os termos e frases estrangeiras; e só então se persuadem ter escrito bem, e polidamente, quando mais se desviam do estilo, e maneiras do seu patrio idioma. (15)

---

(15) Sendo o nosso Critico tão zeloso da pureza e perfeição da linguagem patria, é de crer, que nada escreva que não seja mui apurado, e mui perfeito. Nós por tanto, que desejamos seguir ao menos de longe a mesma trilha, pedimos-lhe muito de mercê que nos explique 1.º O que é em bom Portuguez magnifica tirada; tirada vio-

Mas bem haja o Critico! Elle não é tão cruel que exponha aos nossos olhos as desgragas da litteratura Portugueza sem ao mesmo tempo nos dar a este respeito alguma piedosa consolação. Nelle mesmo temos o esteio mais firme, e mais seguro da nossa gloria litteraria! Elle mesmo nos diz com exemplar modestia que *é talvez o unico homem em Portugal, que neste seculo frivolo préza a litteratura Italiana, e possúe com devida estimação os preciosissimos thesouros dos quinhentistas Italianos, e dos que tambem os souberam seguir, e imitar até á infernal epoca da Revolução.* Elle assim o mostra claramente citando nas *Reflexões Criticas a Claudio Tolomei, a Beniveni, a Sanazzaro*, e ao *admiravel Ariosto;* e dando-nos deste modo a mais solemne demonstração de que só elle, e ninguem mais em Portugal sabe prezar, e ter em justo valor a litteratura Italiana, e os seus *preciosissimos quinhentistas!* Com um litterato deste toque, que cita os Autores Italianos, e diz que os preza; que escreve *Sermões*, e *Satyras*, *Considerações Christãs*, e *Poemas;* que *gosta* de *Lucano*, e de *Ariosto*, e

---

lentissima: absurdo revoltante; sol atufado no mar etc. etc. (Reflex. Crit. e Gam. p. 64) 2.° O que significa grupo de vapor; (Gam. p. 91) não supplantada pelo pezo da agoa (ib. p. 60.) Obeliscos que o pé dos seculos supplanta (ib. p. 194.) O Gama dando as costas ao mundo quando desaferrou de Lisboa para o descobrimento da India (ib. p. 190.) E a sepultura comendo a tea á vida transitoria. (ib. p. 37.) 3.° que propriedade tem estes epithetos, remos abutados (ib. p. 77. e 145.) Sangue caduco (ib. p. 69.) throno acobertado (ib. p. 82.) fome horrenda de ouro (ib. p. 38.) circulo longo (ib. p. 78.) etc. etc. etc.

despeza, e ridiculiza *Camões;* com um homem, digo, deste toque nada tem que temer a nossa litteratura Portugueza; nada de infausto lhe pode acontecer! Queira a fortuna proteger os seus trabalhos, e emprezas litterarias tanto, quanto ellas são uteis á gloria da Nação, e ao credito da nossa litteratura!

O Critico entra finalmente no principal assumpto das *Reflexões*, e para nos não deixar um só instante duvidosos de qual seja a sua opinião a respeito do *Episodio* de *Adamastor*, de que vai a tratar, estabelece como *thema*, e principio geral do seu discurso que *este episodio é entre os disparates de Luiz de Camões o maior disparate!!!*

Elle por certo não ignora que este immortal episodio tem sido considerado em todos os tempos como um dos mais bellos, e magestosos ornamentos dos Lusiadas, e como uma das melhores, e mais sublimes producções do talento poetico. Mas isso mesmo é o que mais desafia a sua raivoza inveja; porque esta paixão insana então se accende em mais furor, quanto mais alto, e eminente vê o alheio merecimento, que a humilha.

O primeiro erro de Luiz de Camões (diz elle pag. 13) *é fazer apparecer este Cabo feito Gigante a Vasco da Gama para se queixar delle como profanador d'aquella clausura dos mares, que elle ciosamente guardava.*

Este erro só existe na cabeça do Critico. E' uma impostura o dizer que o Gigante se queixa do Gama como primeiro *profanador d'aquelles mares:* queixa-se sim em geral da Gente Lusitana, que ousara transpor os vedados limites, e diz no C. V. Est. 41

. . . . „ *O' gente ousada mais que quantas*
No mundo commetteram grandes cousas „
aonde se vê claro que falla com a *Nação Portugueza*, e não com aquella só gente, que então hia navegando; porque logo immediatamente continua:
Tu, que por guerras cruas, táes, e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas,
o que tão somente se podia dizer dos Portuguezes em geral, e não d'aquelles poucos, que hiam na armada do Gama: e o mesmo se collige com igual clareza da Est. 42
„ *Ouve os damnos de mi, que apercebidos*
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra
Que inda has-de sobjugar com dura guerra „
Queixa-se depois mais determinadamente *de quem o descubrio:* ib. Est. 44
„ *Aqui espero tomar, se não me engano,*
De quem me descubrio summa vingança. „
Esta ameaça do fero Adamastor verificou-se na subita e horrivel tempestade, que no Cabo da Boa Esperança sofreo a armada de Cabral no anno de 1500, perdendo-se ahi quatro náos, e n'uma dellas o illustre, e intrepido Bartolomeu Dias, que naquelles mares ficou sepultado.

Mas nem ahi mesmo attribue esta ousada façanha a Vasco da Gama; antes pelo contexto de toda a oitava parece fallar ainda com a gente Lusitana em geral; porque diz
„ *E não se acabará só nisto o damno*
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas náos *vereis cada anno,*
Se é verdade o que meu juizo alcança,
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte. „

Mas o Critico não se contenta com impôr a Camões um erro, que o Poeta não commetteo. é de mais a mais contraditorio comsigo mesmo; porque esse erro adoptou-o elle no seu *Gam.* Cant. VI pag. 139, aonde introduz o Infante D. Henrique dizendo ao Heróe.

» *Observa ao Austro a fronte alcantilada*
Do Cabo sobranceiro ao mar temido,
Onde assustado o portentozo Dias
Mais contrastar não pôde as ondas frias. »

E logo immediatamente na seguinte oitava com mais clareza

» *A ti só dado foi passar ávante* »

E outra vez no mesmo C VI pag. 143 mostrando ao *Gama* o podestal da sua estatua

» *Nelle esculpido via o já domado*
Cabo até alli medonho ao navegante »

E finalmente ainda outra vez no C. VII. p. 158.

» *Temos, bradava o Gama, ó Lusa Gente,*
Com denodados animos vencido
Quanto espantoso tinha o mar fervente
No Promontorio nunca transgredido »

Nos quaes lugares o Critico não tendo escrupulo algum de ir contra a verdade historica, que tanto mostra zelar em Camões, suppõem que Bartholomeu Dias chegando ao Cabo tormentoso *não ousara de assustado contrastar mais o impeto das ondas: que só ao Gama fôra dado passar avante,* que por memoria deste feito se esculpira no pedestal de seu busto o Cabo *já por elle domado, e até alli medonho aos navegantes:* e finalmente que só o *Gama,* e seus companheiros haviam passado o Promontorio *nunca transgredido.*

Não era Vasco da Gama o primeiro (continua

o Critico) *por que aquelle passo já estava franqueado, e aquelles mares abertos, ou descubertos por quazi toda a costa da Cafraria, e Ethiopia oriental até o padrão de S. Filippe, posto pelo navegador intrepido Bartholomeu Dias, que passara e repassara o Cabo no reinado de D. João 2.º*

Confessamos que não foi o Gama o primeiro que dobrou o Cabo: Camões não contradiz de modo algum esta verdade, como já mostrámos; nem o Gama necessitava de ornamentar-se com alheia gloria para ter um logar mui distincto no templo da Fama: antes elle mesmo diz na Est. 65 do Cant. V.

» *Aquelle Ilhéo deixamos, onde veio*
Outra armada primeira, que buscava
O tormentorio Cabo, e descuberto
N'aquelle Ilhéo fez seu limite certo. »

Mas é uma insigne falsidade dizer o Critico que aquelles mares já estavam descubertos *por quasí toda a costa da Cafraria, e Ethiopia oriental;* por quanto Bartholomeu Dias não passou alem do rio do *Infante*, que fica aos 32 gr. e ½ da Linha Equinocial para o Sul, e dista do Cabo da Boa Esperança por costa não mais que cento e quarenta legoas: (16) e a costa da *Cafraria, e Ethiopia oriental* estende-se desde o Cabo até á Equinocial, e passa ainda alem para o norte da linha, de maneira que contando só desde o cabo até Melinde, d'onde o Gama navegou a leste, comprehende uma, e outra região mais de sete centas legoas de costa. Por onde se vê que da viagem d'aquelle

---

(16) Barros. Dec. I. L. III. C. IV. Castanh. Liv. I. C. III. Manuel Correa Comment. á Est. 65 do C. V.

primeiro insigne, e intrepido navegante apenas ficou descuberta uma pequenissima parte da dilatada costa da *Cafraria*, e nada da *Ethiopia*, vindo o Critico de um só rasgo de penna a accrescentar ao descobrimento de Bartholomeu Dias obra de seiscentas legoas, e a colocar o padrão de S. Filippe (como parece do modo com que falla) na costa da *Ethiopia*, que é um erro grosseiro, e apenas desculpavel em algum principiante de Geografia.

Se com effeito Luiz de Camões (accrescenta ainda o Critico) *não queria perder o episodio, devia fazer dizer a Vasco da Gama... que o Gigante apparecera ao Dias, quando dobrou o Cabo, e seguir a historia de sua viagem; por que* nem tempestade alli experimentou, quando a 22 de Novembro o passara.

Se Camões seguisse o desenho que aqui lhe traça o Critico, perderia o *episodio*, e o Poema. O Gigante apparecendo ao Dias não teria ligação alguma, se não mui remota, com a acção do Poema; não excitaria o interesse que o Poeta intentava, não constituiria a principal difficuldade da navegação do *Gama*, e não realçaria tanto o merecimento deste heroe.

Que o Gama não experimentou tempestade alguma, quando dobrou o Cabo a 22 de Novembro é uma verdade historica; mas tambem Camões não falla de tormenta alguma que ahi soffresse a Armada Portugueza; e se fallasse, teria por certo tanta liberdade para fingir este, aliás natural, e possivel acontecimento, quanta teve o Critico para levar toda a frota portugueza *por arte do diabo* ao estreito de Magalhães, e para depois a assom-

brar com a espantosa tormenta de *penhascos ardentes*, e *montes amassados de eterna neve*, que fizeram tremer, e quazi desmaiar o proprio Gama.

Segue o Critico disputando a Camões a *originalidade* do quadro de *Adamastor*, e aqui é que elle desenvolve com maravilhosa arte a sua profuuda erudição, e vastos conhecimentos poeticos. Diz-nos o que é *roubar em Poesia*, e parece que não lhe é estranho este talento. Morde de caminho em Virgilio; porque roubou *trasladando litteralmente* os versos de *Homero*, sem dizer quaes. Morde em Camões porque roubou a *Virgilio* e a *Ariosto principalmente* trasladando tambem por todo o seu poema os versos de um e outro. Diz-nos que quem rouba *idéas* e *imagens* mostra esterilidade na invenção, e pertence á classe dos meros versejadores. Deplora a desgraça dos homens, que quazi sempre lêem sem *profunda attenção*. Faz o elogio de *Lucano*, e a censura dos que o lêem superficialmente e por fim de tão longo preambulo nos descobre por muita bondade sua que neste poema latino é que se acha o *fundo, ou a idéa matriz do decantadissimo Adamastor*. Este é o ponto. Vamos a ver se elle o prova.

Cesar tendo resolvido estabelecer o seu poder sobre as ruinas da liberdade Romana, e das leis da republica, passa os Alpes á frente das legiões armadas do seu mando, e chega á margem do Rubicon, pequeno rio, que divide o seu governo, isto é a *Gallia Cisalpina*, do resto da *Italia*. Neste passo se detem um pouco, vacilla, e revolve em seu espirito as desgraças de uma guerra civil, e até a contingencia do bom exito da sua empreza. O Poeta lança mão desta circunstancia com mui-

to artificio, e finge que a imagem da patria apparecendo ao capitão Romano no meio da noite com semblante triste, e lagrimoso, braços nús, soltos, e desgrenhados os cabellos, lhe diz com palavras misturadas de soluços » *Aonde levaes, ó Varões, os vossos ousados passos? aonde as minhas bandeiras? Se vindes como cidadãos, se respeitaes as leis, até aqui vos é permittido, e não mais passar avante* » Cesar se horrorisa, arripiam-se-lhe os cabellos, e pára alguns momentos irresoluto; mas fazendo uma breve falla aos Deoses, reanima a sua coragem, rompe as difficuldades que a sua propria razão, e coração lhe oppunham, ou lhe afiguravam, passa o rio, e ei-lo nos vedados campos da Italia entregue ao seu destino. Tal é em substancia o *quadro de Lucano* (17) que o nosso critico diz ser o *original de Adamastor*. Vejamos a copia.

---

(17) Lucan. Civil. Bell. L. I.
Iam gelidas Caesar cursu superaverat Alpes,
Ingentesque animo motus, bellum que futurum
Ceperat: ut ventum est parvi Rubiconis ad undas
Ingens visa duci Patriae trepidantis imago,
Clara per obscuram vultu moestissima noctem,
Turrigero canos effundens vertice crines,
Caesarie lacera, nudisque astare lacertis,
Et gemitu permixta loqui: Quó tenditis ultra?
Quo fertis mea signa viri? Si jure venitis,
Si cives, hucusque licet. Tunc perculit horror
Membra ducis, riguere comae, gressumque coercens
Languor in extrema tenuit vestigia ripa.
Mox ait: O magnae qui moenia prospicis urbis
Tarpeia de rupe tonans.......... etc.

Vasco da Gama é encarregado por El-Rei D. Manuel do descubrimento da India. A pequena armada, que elle capitaneava, navega ao longo da costa occidental de Africa com prospera viagem, e chega a avistar o famoso cabo da Boa Esperança. Este promontorio parecia ser o limite posto pela natureza á ousada afouteza dos mareantes. O intrepido Dias lhe havia dado o nome de *Tormentoso* por cauza dos grandes, e grossos mares, que alli encontrara, cheios de perigos, de tormentas, de monstros, e de mortes. Era um passo verdadeiramente arriscado, e temeroso, que o heroe devia vencer, e franquear para avançar em mares totalmente novos, e desconhecidos. Elle o commette. O Poeta concebe com toda a energia, e vivacidade do enthusiasmo poetico a difficil, e arrojada situação do seu heroe. Todas as suas idéas se exaltam, se animam, e ganham movimento. O cabo toma em sua fertil, e ardente fantasia a figura de um gigante horrendo, e monstruozo, de fêa, e medonha catadura, guarda d'aquelles mares, o qual depois de lançar em rosto aos Portuguezes com palavras pezadas o seu temerario atrevimento ameaça tomar delles crua vingança, e lhes prognostica para o futuro longas desventuras, e espantosos naufragios. O heroe menosprezando as ferozes arrogancias do gigante ousa todavia interrompe-lo, e interroga-lo com superior, e quazi sobre-humana firmeza. O monstro adoçando então um pouco a sua natural ferocidade toma nova linguagem, e faz ao Gama a narração de suas passadas aventuras, de seus mallogrados amores, e emfim de sua transformação n'aquelle vasto promontorio pela ira, e vingança dos Deoses. O Epi-

sodio acaba: a visão desapparece: e o heroe triumfador continua em sua navegação (18).

A' vista deste desenho, imperfeito na verdade; mas não infiel dos dous quadros, julgue o leitor douto, e imparcial se nelles se acha, ou póde achar *a mesma imagem analoga*, e *semelhante* (como diz o Critico pag. 16) (19)

O Critico para dar alguma côr de verosimilhança a esta sua extravagante opinião faz o parallelo dos quadros com expressões escolhidas muito a seu sabor, e cuida que tendo empregado vocabulos ou frases identicas, ou analogas, logo tambem os objectos nos parecem táes.

Cesar e Vasco (diz elle) vão commetter *um arriscado passo: Cesar em transgredir os limites prescriptos pela Republica ás legiões armadas, que eram as margens do rio Rubicon: Vasco da Gama em transgredir umas balizas, que pareciam impostas pela natureza ao atrevimento dos navegadores Portuguezes. Aqui temos os dous heroes em identicas circustancías.*

Nós porem discorremos de mui differente modo, e havemos que as circunstancias dos dous heroes longe de serem identicas são pelo contrario totalmente diversas.

O passo de Cezar era na verdade arriscado:

---

(18) Os principaes toques deste paragrafo são tirados da Memoria do Ex.° Conde da Barca, feita em defeza de Camões, e lida na Academia R. das sciencias de Lisboa.

(19) A mesma imagem analoga, e semelhante, são vocabulos incompativeis. A mesma suppõem identidade: analoga e semelhante suppõem não identidade.

mas não porque a passagem do Rubicon lhe opposesse alguma grande, e quasi insuperavel difficuldade fizica, como o era necessario para a supposta *identidade*, e para que este obstaculo podesse comparar-se com o que o Gama encontrou em sua viagem: nem tambem precizamente porque aquelle rio demarcasse os limites prescriptos pela republica ás legiões armadas. Estes *limites prescriptos* somente vem aqui para combinarem com os outros *limites prescriptos pela natureza aos navegantes*, isto é, para affectar em palavras a *identidade* que não ha nas couzas.

O passo de Cesar era sim! arriscado; porque este capitão não podia traspassar os limites do seu governo, e pizar o territorio da Italia á frente de uma força armada sem se constituir uzurpador da autoridade soberana, inimigo da republica, e tyranno da sua Patria. A idéa deste crime assustava o general educado no seio de uma republica, que idolatrava a liberdade. A natural firmeza, ou antes dureza do seu coração o desamparou por um momento, e a liberdade, sobre quem elle hia a descarregar o ultimo golpe, lhe excitou pungentes remorsos. Este estado de uma consciencia inquieta e agitada era a difficuldade que Cesar havia de vencer. Este estado é o que o Poeta quiz pintar fazendo apparecer ao seu heroe a imagem da Patria angustiada, e aflicta, como se ella fosse a que lhe inspirara aquelles sentimentos. Nada disto tem o mais remoto parentesco, quanto mais, identidade, ou analogia com a situação do heroe Portuguez.

O passo que Cesar vai commetter, é arriscado por criminoso: o de Vasco da Gama por estrema-

damente difficil, e arduo. O capitão Romano não encontra na passagem do Rubicon outro algum obstaculo, senão a sua propria irresolução, incerteza, e receio. nascido principalmente da consciençia do seu crime. O heroe Portuguez tem de dobrar um grande promontorio, estendido longamente em ignotos mares, infamado de tormentas, e perigos espantosos, e temeroso aos mais ousados navegantes. Cesar vence a difficuldade que lhe oppoem a sua propria razão, e sentimentos, cedendo elle mesmo á força de sua desmedida ambição e desprezando as vozes com que a Patria chorosa e chamava aos seus deveres. O seu triumfo é um crime, e o seu heroismo uma verdadeira fraqueza. Vasco da Gama superior ao timido receio não hesita, nem vacilla: afronta com nobre constancia os perigos, os medos, e as tormentas: contrasta com resolução heroica as forças (digamos assim) da propria natureza, e chega em certo modo a quebranta-las, e vence-las. O seu heroismo é tão glorioso, quão nobres, e virtuosos os motivos que o determinaram, e vantajozas ao mundo as consequencias do seu triumfo. *Aqui temos pois os dous heroes em circunstancias totalmente diversas. Logo o primeiro fundo da scena não foi apanhado de Lucano.* Vamos ao segundo.

Cesar (diz o Critico) *ia a passar o Rubicon: aqui temos um nó, que chama naturalmente o maravilhoso sobre-natural.* Ja dissemos que o nó (se aqui o ha) não consistia precizamente na passagem do Rubicon. O nó estava no coração do uzurpador e o Poeta podia fazer-lhe apparecer a imagem da Patria, logo que elle deo o primeiro passo para tyranizar a republica. Aliás a imagem da Patria

não é trazida aqui para *desatar o nó*, antes para *aperta-lo mais.* Consequentemente as palavras de *Horacio* citadas pelo Critico:

Nec Deus intersit, nisi dignus vindice nodus inciderit..... não tem applicação alguma para o nosso caso, nem são citadas a proposito.

Personaliza Lucano (continua ainda o Critico) *a republica Romana, ou a Romana liberdade, e faz apparecer rompendo das nuvens, e equilibrada nos ares, no meio da mais profunda noute aos olhos do usurpador uma gravissima matrona de aspecto sombrio, carregado, e triste: falla-lhe: afea-lhe o attentado que vai commetter: lembra-lhe o sangue que vai derramar: as guerras civis que vai accender: e finalmente lembra-lhe a liberdade agonizante, em cujo seio vai embeber o punhal da oppressão, e da tyrannia, fallando com tanta força e dignidade que vos posso certificar que é este o quadro mais acabado da fantasia humana, e que eu mesmo avezado a contempla-lo, porque gosto de Lucano, não posso deixar de me sentir tocado de um verdadeiro horror, e admiração: é uma das lembranças mais felizes na grande arte de pintar á alma com os pinceis da Poezia levantada. Erriçam-se-me os cabellos, como succedia a Milton com a leitura de algumas passagens de Isaias!! etc. etc.*

Desculpe-nos o leitor trasladar-mos aqui por inteiro este paragrafo das *Reflexões Criticas;* porque assim foi necessario para se mostrar ao claro a má tenção, com que o Autor procede em tudo, quanto diz para deprimir o merecimento de Camões.

E' falso que *Lucano* faça apparecer a Cezar a *republica Romana*, ou a *Romana liberdade:* mas sim a *Patria.*

Ingens visa duci Patriae trepidantis imago; que é idéa mui differente (ou antes differente aspecto da mesma idêa) na consideração moral, e poetica.

E' falso que a imagem appareça *rompendo das nuvens*, e *equilibrada nos ares.* Esta circunstancia é inventada pelo Critico para mostrar analogia entre esta imagem, e a de Camões.

E' falso que a Patria lembre a Cesar o *sangue que vai derramar*, *as guerras civis que vai accender*, *a liberdade agonizante*, *o punhal da oppressão etc.* Tudo isto é outra vez inventado pelo Critico para condizer com as terriveis ameaças de *Adamastor* a Vasco da Gama. A' falla que a Patria faz a Cesar é a que já repetimos, simples, e breve, posto que na verdade energica.

.... quó tendîtis ultra?
» *Quó fertis mea signa viri? Si jure vinitis,*
si Cives, hucusque licet...... »

Não ha em Lucano mais uma só palavra, sequer, que se attribua áquella imagem.

Finalmente se este lugar de Lucano é, ou não, capaz de produzir nos leitores os effeitos, *que produziam em Milton algumas passagens de Isaias*, julguem-no os doutos, que sabem sentir, e julgar. Nós temos isto por uma especie de blasfemia litteraria, apezar de confessarmos que esta ficção de Lucano é bella, ainda que por desgraça seja a unica, que se encontra em toda a *Farsalia.*

O Critico recapitula em fim as *identidades*, *analogias*, e *semelhanças*, que acha nas duas imagens; e diz com muita satisfação: *ambas são imagens fantasticas*, *ainda que differentes entre si*, como pediam *as circunstancias.* Mas se as *circunstancias* dos dous Heróes eram, ha pouco, *identicas*, como

são agora *differentes?* e se as imagens fantasticas são *differentes*, como podem ser *identicas*, *e analogas?* A palavra *differente* exclue *a identidade*, *e a semelhança*. Veja pois o Critico em que difficuldades se vai metendo!

A Cesar (diz elle mais) *apparece a imagem da republica*, *que elle ía tyrannizar: á Vasco da Gama a imagem do cabo que elle ía a passar. A apparição da republica a Cesar é feita de noute: a apparição de Adamastor tambem é de noute.* Logo temos duas imagens, que apparecem de noute, e nada mais. Tambem as imagens de *Heitor*, e de *Venus* apparecem de noute a *Eneas* (Eneid. L. II. v. 270, e v. 589.) e ninguem dirá que estes dous bellos quadros de Virgilio são os originaes de Adamastor. Tambem os rios *Indo*, *e Ganges* apparecem de noute a ElRei D. Manuel debaixo de imagens fantasticas, (Lusiad. C. IV. Est. 71) e não são copias do quadro de Lucano etc. etc.

Ambos os fantasmas rompem do seio de carregadas, *e espessas nuvens*. Já dissemos que não ha esta circunstancia em *Lucano*, e nem uma só palavra que a dê a entender. O Poeta só diz que a imagem apparecêra a Cesar por uma noute escura.

. . . . *Patriae trepidantis imago*
Clara per obscuram *vultu moestissima* noctem.

Ambos (conclue em fim o Critico) *na essencia*, *no tempo*, *e no lugar*, *nos fins*, *ou nos motivos finaes do seu respectivo apparecimento conservam visivel identidade*. Se a essencia de um quadro consiste precizamente em ser *imagem fantastica*, concedemos que os dous quadros de *Lucano*, e *Camões* tem *vizivel identidade:* mas nesse cazo tambem serão *identicos* os quadros, que nos mostrarem v. g.

a *Primavera* na figura de uma bella rapariga coroada de rosas; a *Morte* na de um mirrhado esqueleto armado de fouce; e o *Amor* na de um minimo travesso com sua aljava, e setas etc. porque em realidade todos estes quadros são *imagens fantasticas.*

O tempo, em que a imagem apparece, nada tem com a natureza do quadro, e sómente serve no nosso caso para fazer verosimil a illusão, que os dous Poetas intentaram.

O lugar, que sendo considerado fisicamente é diversissimo em *Lucano*, e em *Camões*, não o é menos na consideração poetica, e com respeito á acção; por quanto, aonde a Historia diz que Cesar *vacillára*, ahi concebeo o Poeta a imagem da Patria, inspirando-lhe os receios, e remorsos que o agitavam: e pelo contrario, aonde a Historia diz que Vasco da Gama *afrontára denodadamente o Cabo*, aí finge Camões o Gigante queixando-se do seu arrojo, e ousadia. O succeder o primeiro facto *á margem de um rio*, não lhe dá com o segundo mais identidade, ou analogia, do que na verdade ha entre o alto, e tempestuoso mar, e um pequeno riacho, que segundo o proprio Lucano.

Fonte cadit modico, parvisque impellitur undis.

Ultimamente até os *motivos finaes* das duas apparições são differentissimos entre si: porque a imagem da Patria em *Lucano* lembra a Cesar os deveres que tem como Cidadão Romano, e intenta suspender os effeitos da sua criminosa ambição: a imagem de Adamastor em *Camões* queixa-se da affronta recebida, e pertende com terriveis, e espantosas ameaças desviar o Heróe de uma empreza util, e glorioza. Por onde os motivos finaes do primeiro apparecimento não semelham com os do segundo,

senão sómente na idêa mui generica de *desviar o Heróe do commettimento intentado*, o que não basta para constituir a supposta identidade: aliás todos quantos quadros se encontrassem na Poesia, tendentes a *desviar alguem de alguma empreza*, ou *a fazer-lha commetter* seriam respectivamente identicos nos seus *motivos finaes*, que é um absurdo inadmissivel, e que não cabe em algum bom juizo.

Reduzindo-nos agora a poucas palavras: o que constitue a semelhança dos dous quadros deve procurar-se na *invenção*, no *desenho*, e na *execução*.

Na *invenção*: é de leve esforço para qualquer mediocre engenho levantar na fantasia a *imagem da Patria*, isto é, de um *ser moral*, a quem na propria linguagem ordinaria, e familiar personalizamos, e attribuimos o nome, as propriedades, e os caracteres de uma verdadeira *mãe*; mas é de uma força extraordinaria, e não vulgar de imaginação criar, e animar a imagem de um *ser bruto*, *e insensivel*, que não offerece (digamos assim) um só ponto de contacto com os seres animados, que conhecemos, e tratamos. Este é verdadeiramente o gosto da sabia primitiva antiguidade, que descrevendo em formosas, e bem achadas allegorias os seres fisicos, e as suas qualidades, e relações povoou o Ceo de Divindades, e a terra de heroes, e pôz em acção, e movimento toda a natureza.

No *desenho*: pouca arte tambem é preciza para delinear com regularidade, e proporção a imagem da Patria debaixo da figura de uma mulher, de que a natureza nos offerece tantos modelos, e para indicar em seus attributos as particulares qualidades, que se lhe querem attribuir. Mas é precizo

por certo genio mui superior para desenhar com proporções convneientes um gigante de feia e horrenda catadura, cujo modelo somente pode existir na fantasia do artista, e para indicar, e exprimir, com attributos proprios o objecto fisico, a que se refere a imagem, e as suas principaes qualidades o relações.

Na *execução:* é bem de ver que não ha neste ponto analogia alguma entre os dous quadros; e basta para demonstração disto a simples leitura de um, e outro Poeta. Pelo que, e por não abusarmos mais da paciencia dos nossos leitores em cousa tão manifesta, nos dispensamos aqui de mais extensas reflexões a este respeito.

Passemos (diz o Critico) *a ver como não só o desenho do quadro é emprestado, e alheio; mas até o mesmo colorido.... Começa pelo vôo da nuvem, que vem pousar sobre a cabeça do Gama.*

Esta *nuvem a voar*, e depois *pousada sobre a cabeça do Gama*, é toda invenção, e desordenada fantasia do nosso Critico. Em Camões não se lê nem *nuvem a voar*, nem *nevem pousada.*

O Critico acaso não entendeo a verdadeira significação da proposição *sobre*, de que usou o Poeta neste verso

» *Sobre nossas cabeças apparece* »

Pouco importa que elle se lembre neste lugar dos versos da Virgilio no Liv. III. v. 194

»....... *Coeruleus supra caput astitit imber,*
Noctem, hyememque ferens, et inhorruit unda
tenebris »

E que tambem julgue esta que chama *imagem* litteralmente *apanhada de Beniveni* na Eglog. III

Subito d'atra nube un denso velo
L'aria coperse.

Semelhantes reflexões são de mui pouca monta aos olhos do leitor judicioso, e somente servem para mostrar o curioso empenho, com que o Critico busca todos os meios de vilipendiar o merecimento do nosso Poeta, como se Camões não fosse capaz de produzir estes dous versos

Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece,

sem os ir mendigar aos Poetas Latinos, ou Italianos! Mas dado que entre os lugares apontados haja a analogia, que o Critico lhe suppoem, o negar por isso a originalidade do grande quadro de *Adamastor*, ou ainda do seu colorido, e o sublime magisterio do Poeta Portuguez, seria o mesmo que censurar alguma das immortaes pinturas de *Rubens*, ou de *Rafael*, só porque nella se achasse um pequeno rasgo, ou linha, que tivesse semelhança com a de algum outro pintor.

Não é menos insensata a outra reflexão, que faz o Critico a respeito destes versos da oitava 38.

„ *Bramindo o negro mar de longe brada*
Como se desse em vão n'algum rochedo: „

porque confessando, á pura força da verdade, que *esta imagem é grande*, e *pompoza*, logo deprime o merecimento de Camões com que é *manifesta traducção* dos versos de Virgilio.

Et gemitum ingentem pelagi, pulsataque saxa
Audimus longe, fractasque ad littora voces.

sobre o que, não nos atrevendo a mandar o Critico á escola para aprender melhor o que é *traducção*, somente lhe advertimos aqui que são cousas mui differentes *imitar*, e *traduzir*, e que o nosso Poeta, se por ventura teve o designio de imitar neste lugar a Virgilio, o fez por certo com gran-

dissima ventagem ao Poeta Latino, cujos toques nao são de tão facil effeito como os de Camões: e bastaria, para o mostrarmos, analisar simplesmente a combinação de sons, e articulações, que Camões escolheo com tanto gosto, e discernimento para dar energia, e vivacidade á sua pintura, e compara-las com as que se acham empregadas pelo Poeta Laiino.

Segue-se (diz o Critico) *a soberba pintura do Gigante:* soberba na verdade, e digna de admiração de todo o homem que tem gosto em poesie; mas o Critico não pode soffrer que Camões produza cousa alguma boa; e nesta mesma bellissima, e incomparavel pintura vem lançar com sua mão impura algumas nodoas, que a desfigurem, se possivel for.

Acha em primeiro lugar que este retrato de Adamastor *começando com pompa*, *acaba ridiculamente com o verso*

» *A boca negra*, *os dentes amarellos.* »

E as razões, que dá deste seu juizo, são mui singulares, e (se havemos de dizer o que entendemos) verdadeiramente *ridiculas.*

Diz que *esta circumstancia não caracteriza um gigante*, *e pode ser propria de qualquer pigmeo:* sem advertir que Camões não quiz somente pintar um *gigante*; mas um gigante *feio*, *e horrendo:* não só quiz mostrar a grandeza desmedida do seu corpo monstruoso; mas tambem a horrenda catadura do seu semblante, e isto com cores apropriadas á natureza do monstro, que descrevia. Por onde a *boca negra*, e os *dentes amarellos* ficam sendo de grande belleza neste lugar, e acabam perfeitamente o quadro, que o Poeta traçara em sua fecunda imaginação.

Se Camões houvesse de excluir deste painel todas as circunstancias, que não dizem respeito *á grandeza corporal* do Gigante, limitar-se-hia somente aos primeiros tres versos desta estancia:

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra ao ar robusta, e valida,
De disforme, e grandissima estatura,

e omittiria tudo o mais, que *pode ser proprio de qualquer pigmeo;* porpue na verdade um pigmeo pode muito bem ter

O rosto carregado, e a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e palida,
Cheios de terra, crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Mas nesse caso desappareceria totalmente a pintura, e bem que o Critico ficasse contente, e satisfeito, nós perderiamos um dos mais bellos quadros, que se encontram na poesia heroica.

Mr. Parseval Grandmaison, no seu poema intitulado » *Amores Epicos* » não duvida caracterizar a ficção do *Adamastor* como *a obra prima da Epopéa* » *La fiction dú geant Adamastor est peut-être le chef-d'oeuvre de l'epopée* »

Diz em segundo lugar que *é uma grande inverosimilhança dizer-se o Retratista* (isto é o Gama) *aterrado com a vista do Gigante, com o fragor dos mares, com a obscuridade, e densidade da nuvem etc., e ficar lhe ao mesmo passo tão livre a attenção, que lhe não escapasse o accidente da côr amarella dos dentes.*

Nós perguntamos ao Critico aonde se confessou o Gama *aterrado* com esses espantos? Se elle fosse tão medroso como isso, não acabaria a sua

empreza: e se confessasse o seu medo, nunca seria cantado por Camões. Lêa o Critico a Estanca 49, aonde o Gama diz

" *Mais ía por diante o monstro horrendo*
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: quem és tu, que esse estupendo
Corpo, certo, me tem maravilhado? etc. "

veja se o Gama ficou com effeito tão *aterrado* com a vizão, e tão pertubado de medo, que não podesse ver as feições do gigante?

Diz ultimamente que o excellente verso do Poeta

" *O rosto carregado, e a barba esqualida* "

é tomado de Sanazzaro na Eglog. 8.ª da celebr Arcadia

" *Con chiome irsute, e con la barba escalida* "

mas nós não achamos identicas em um, e outro verso, senão as duas palavras *barba esqualida;* e não julgamos que Camões precizasse de fazer tão mesquinho furto ao Poeta Italiano. Antes se o Critico escrevesse de boa fé, e tivesse a erudição, que tanto alardêa, mais de pressa acharia o verso inteiro do seu Sanazzaro tomado de Virgilio no Liv. II. v. 277.

" *Squallentem barbam, et concretos sanguine crines* "

Isto (continua o Critico) *é por miudo; porque a pintura em grande é roubada ao sempre roubado Ariosto: porque não ha uma só oitava nos Lusiadas, que cheire a Poesia, que não seja roubada litteralmente a Ariosto* (20).

---

(20) Admira na verdade que, vendo, e notando o Critico tantos furtos feitos por Camões a Ariosto, não tenha visto os que Ariosto [muito mais á escancara, como

Para nos dar uma prova desta insigne falsidade deixa o Critico por um pouco o *Episodio de Adamastor*, que é do que se tracta, e vai buscar ao Canto IV de Camões a bellissima oitava 23

» *Deo o sinal a trombeta Castelhana*
Horrendo, fero, ingente, e temeroso:
Ouvio o monte Artabro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medrozo:
Ouvio o Douro, e a terra Trastagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoso,
E as mães, que o som terrivel escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram: »

da qual diz mui desassombradamente que é roubada a Ariosto. O lugar do Poeta Italiano, que o Critico não cita, (acaso para evitar o exame) é no Cant. XXVII. Est. 101. A oitava é esta

» *Tremó Parigi, inturbidossi il Senna*
A l'alta voce, aquell'orribil grido:
Rimbombó il suon fin a la selva Ardenna
Si che lasciar tutte le fiere il nido.
Udiron l' Alpi, e il monte de Gebenna,
Di Blaja, e d' Arli, e di Roano il lido
Rodano, e Sonna udi, Garonna, e il Reno
Si s'rinsero se madri i figli al seno.

A' vista destas duas oitavas decidam os nossos leitores, se a de Camões se pode dizer furtada a Ariosto; se não é mui superior a esta ultima na força, vivacidade, e energia da expressão; e se ha paciencia que seja bastante a supportar os impertinentes disparates do Critico, e a sua petulante mor-

---

dizem] fez a outros Poetas. Para exemplo contentamo-nos com citar somente o Cant. X. do Orlando furioso, que desde a Est. XX. até XXXIV. é copiado quazi á letra de Ovidio nas Heroid. Ep. X.

dacidade! Digam-nos se na oitava de Ariosto se acha um verso tão harmonioso como este do Poeta Portuguez.

» *Horrendo, fero, ingente, e temerozo* » ?

uma hypotiposis tão viva como a do terceiro, e quarto verso

» .... *Guadiana*
Atraz tornou as ondas de medrozo » ! (21)

e uma expressão tão feliz como a do sexto verso:

» *Correo ao mar o Tejo duvidozo* » !

Digam-nos emfim se a ultima circunstancia descrita nos versos setimo, e oitavo de Camões (que é a unica em que conformam os dous Poetas) não é mui superior á de Ariosto em harmonia, e elegancia, e sobretudo no optimo emprego daquelle diminutivo *filhinhos*, que tanta graça, e sensibilidade acrescenta a esta imagem! Mas estas bellezas só as pode julgar, quem sabe sentir; e nós temos o disgosto de não poder esperar tanto do nosso Critico.

Tornemos a Adamastor (diz elle) cujo retrato é copia da pintura original de Ariosto, quando descreve o gigante Brunel no Cant. III. Est. 72.

.... *ha il capo ricciuto*
Le chiome ha nere, ed ha la pelle fosca
Pallido il viso, oltre il dover barbuto
Gli occhi gonfiati, e guardatura losca,
Schiacciato il naso, e nelle ciglia irsuto.

O Critico falla sempre na errada opinião de que *é elle o unico homem em Portugal, que neste seculo frivolo preza a litteratura Italiana:* porque

(21) Bella imitação de Virgil. Eneid. L. VIII v. 240,
Dissultant ripae, refluitque exterritus amnis.

se elle entendesse que alguem mais sabia ler *Arios-to* certamente não escreveria com tão ousada, e presumpçoza temeridade.

Este *Brunel*, que o Critico chama *gigante*, não é *gigante* em *Ariosto*, como se vê de todo o contexto deste Poeta no lugar citado, e muito especial, e claramente dos primeiros dous versos da oitava, omittidos muito de proposito pelo Critico

» *La sua statura, acció tu lo conosca,*
Non é sei palmi, ed ha il capo ricciuto etc. »

As feições, que Ariosto lhe attribue, tambem não são as feições de Adamastor, nem com ellas se parecem. Em Adamastor não achamos *pelle fusca-cabellos negros*, *barba povoada*, *olhos papudos*, *vista torva*, *nariz escachado*, *celhas hirtas etc.* Ainda menos achamos em Camões cousa alguma, que se pareça com os dous máos versos que fecham a oitava de Ariosto

L'abita, acció ch'io lo dipinga intero,
E'sretto, e corto, e sembra di corriero.

Como é pois possivel que, sem extrema ignorancia junta com a mais atrevida, e desfaçada presumpção, nos diga o Critico que esta pintura é o *original do retrato* de Adamastor, e que *são estas as fontes, donde correo o immortal Episodio* de Camões?

Daqui passa o Critico á metamorfose de Adamastor, e sem ceremonia decide que *é identica sem omittir cousa alguma notavel* com a do *Astronomo Atlante* descripta nestes versos de Ovidio L. IV. das *Metamorf.* Fab. 17

Quantus erat, mons factus Atlas, *nāo barba comaeque*
In silvas abeunt, juga sunt humerique, manusque.

Quod caput ante fuit, summo est in monte cacu-
men.
Ossa lapis fiunt: tum partes altus in omnes
Crevit in immensum ...... etc.

Mas nós com igual semceremonia lhe respondemos que não ha nos versos de Ovidio uma só circunstancia de que Camões se valesse na sua metamorfose, á excepção d'aquellas palavras » *Ossa lapis fiunt* » que o Poeta Portuguez mui felizmente traspassou neste verso:

» *Em penedos os ossos se fizeram.* »

Tudo o mais da metamorfose é apropriado, como devia ser, ás particulares circunstancias de Adamastor: nem era possivel que o superior genio de Camões não conhecesse, ou não aproveitasse estas circunstancias, e as ventagens poeticas, que ellas lhe offereciam, para imaginar uma transformação differente de todas as que achamos descr iptas no Poeta Latino.

Aquella mesmissima oitava 56 (continua o Critico) *que a todos parece tão bella, e que até no discurso preliminar* do P. *Aquino vem citada como um modelo de Poesia*

» *O! que não sei de nojo como o conte etc·* »
é furtada, meu Attico, é furtada ..... A primeira idéa foi tomada de Ovidio:

» *Quamque lapis sedes, tão lapis ipsa fui etc.* »

O Critico é tão infeliz que, para aniquilar o preço dos melhores lugares de Camões, se vê obrigado a mostrar, ou que não entende o Latim, ou que a sua paixão o desatina a tal ponto, que parece não o entender.

O que Ovidio quer dizer no lugar citado (Heroid. Ep. X. v. 49, é que *Ariadne*, havendo sido

desamparada por Theséo, ia muitas vezes á praia, onde elle embarcara, e que ahi assentada em *um penedo, e immovel como o mesmo penedo* lamentava em silencio a sua saudade, e a auzencia do seu amante:

» *Aut mare prospiciens in saxo frigida sedi;*
Quamque lapis sedes, tão lapis ipsa fui. »

O pensamento de Camões é mais bello, mais vivo, mais animado; a imagem mais energica, a frase mais elegante, mais nobre, e mais expressiva.

As palavras de Ovidio foram sim *copiadas litteralmente*, mas foi por *Ariosto* no C. X. Oitav. 34

» *Or si ferma su un sasso, e guarda il mare;*
Ne, men d'um vero sasso nu sasso pare. »

e pessimamente imitadas pelo Critico no seu *Gama.* C. II. pag. 47.

» *O corpo immobil, taciturno, e quedo* (22)
Julgar-se pode parte do penedo. »

assim como depois imitou tambem pessimamente, a Camões no outro logar do *Gama* C. IV. pag. 96.

» *Como a par d'um rochedo outro rochedo*
Mudos, quedos estão no alpestre monte;
Um Luso, e outro Luso immobil, quedo,
Estático se olhava fronte a fronte. »

Temos visto até aqui que o Critico, quando imputa algum furto a Camões, não se contenta de apontar um só Poeta roubado; mas nomea dous, ou tres, com o intuito certamente, ou de ostentar a sua vasta lição, ou de segurar deste modo a sua calumniosa impostura.

---

(22) Corpo taciturno certamente não é de Ovidio, nem de Ariosto, nem de Camões.

Aqui segue fielmente o mesmo methodo. A primeira idéa da excellente oitava 56 *foi tomada em Ovidio, que Camões lia muito. Todos os outros atavios são do fertillissimo, e inexaurivel Ariosto: e Claudio Tolomei, mais antigo ainda que Ariosto, deo a Luiz de Camões a famozissima oitava por inteiro* (23)

De Ovidio ja fica dito. *Os atavios* descobre-os o Critico em *Ariosto;* mas como os descobre? Vai buscar ao Cant. XXII. Est. 111. do Poeta Italiano estes dous versos

" *Rimase alfin con gli occhi, e com la mente*
Fissi nel sasso al sasso indifferente. "

Torna depois a traz ao Cant. X. Oit 34 para achar o outro verso

" *Ne' men d' un vero sasso un sasso pare*, "

e unindo os tres versos, como se fossem seguidos no Poeta Italiano, julga que tem enganado os leitores, e demonstrado o seu intento.

---

[23] E' bem digno de admiração, e não menos de inveja o espirito analytico, e esmiunçador do nosso Critico. Elle sabe com admiravel arte dividir, e subdivir os objectos, volta-los de todas as faces, contenpla-los a differentes luzes, e achar tudo quanto quer, e aonde quer! Quando trata do Episodio de Adamastor divide o pobre Gigante em idêa matriz; imagem ou quadro, colorido ou accideutes; pintura ou retrato por miudo; pintura ou retrato em grande; metamorfose; e outras miudezas. A idêa matriz, e imagem diz que são de Lucano; o colorido, ou accidentes de Virgilio, Beniveni etc. a pintuia por miudo de Sanazzaro; o retrato em grande de Ariosto; a metamorfose de Ovidio. A oitava 56, que ajnda pertenoe ao Episodio, é tambem dividida em primeira idêa, atavios, e oitava por inteiro. A primeira

Nós (desprezada, como merece, a ridicula e mízeravel astucia do Critico) entendemos que os versos citados de Ariosto, ou se considerem separados, como vem no Poeta, ou unidos, como vem no Critico, nenhum parentesco tem com a inimitavel oitava de Camões, salvo se para isso basta fallarem mais de uma vez em *penédo*. Faça o leitor alguma reflexão, e dispense-nos de gastar mais tempo em cousa tão óbvia, e tão palpavel.

Mais facil nos parece de crêr que o verso de Tolomei

„ *Qui mirar me par quella, e miro un sasso.* „
désse occazião á lembrança de Camões: mas dado que assim fosse, que differença de um a outro! Qual Poeta se envergonharia de tão feliz roubo! Qual pelo contrario se não jactaria de furtar por tão admiravel modo! . . .

Até aqui (diz o Critico a pag. 24 ao seu *Attico*) *não vemos mais que infecundidade na alma do Poeta . . . e para salvar a honra de Camões, eu direi que foi preguiça!* Nós não podemos culpar de *in-*

---

idêa é de Ovidio; os atavios de Ariosto; a oitava por inteiro de Tolomei etc. etc. De todos estes retalhos destramente compaginados por Camões (como diz o Critico) é que resultou o maior dos seus disparates, a maior de suas incoherencias porque no grande Episodio de Adamastor quiz o Fado que não houvesse circunstancia alguma, por minima que fosse, que se não tomasse fiada dos Latinos, e Italianos. Pouco adiante ha-de dizer nos que no Episodio ha cousas, que são privativamente de Camões; e que nestas é que se acha o ridiculo, o absurdo, o inverosimil, e o pueril etc. . . . . Eis aqui o que é fallar em Portuguez claro; e discorrer sem o mais ligeiro viso de pervenção ! !

fecunda a alma do Critico, nem tão pouco precizamos de dar-lhe a disculpa de *preguiçoso*. *As Reflexões criticas* mostram quanto elle é fecundo em embustes, falsidades, ignorancias, e mentiras; e que todos estes avessos longe de terem origem, talvez innocente na preguiça, náscem pelo contrario da sua activa, e raivoza inveja, da sua desmedida presumpção, e da sua ignorancia atrevida, e insolente.

Agora vejamos o que é privativamente de Camões, e descubriremos que tudo é *ridiculo, absurdo, inverosimil, e pueril*. Sigamos o Critico, para vermos, e admirarmos como elle nos demostra cousas tão novas, e tão inauditas!

A sua primeira reflexão é que o nome de *Adamastor se encontra unicamente em Claudiano*. Mas ou se encontre só em Claudiano, ou tambem em outros Autores, ou em nenhum, nada se segue dahi para o louvor, ou censura do Poeta: e pelo que toca ao Critico, já ficamos sabendo que tambem tem lição de *Claudiano*, e de todos os mais escritores antigos, e modernos, em que podia encontrar-se o nome de Adamastor!

O nome de *Adamastor*, ou fosse tirado de Claudiano, ou fosse inventado por Camões, mostra o singular tino, discrição, e gosto com que o immortal Poeta escrevia. *Adamastor* é formado do grego adamastos *(adamastos)*, que quer dizer *indomavel*, composto do *a* privativ. e do verb. damaò *(damáò) domar*. Não era facil achar um nome mais appropriado ao objecto, que o Poeta queria designar.

Nota mais que o Gigante sendo irmão d'aquelles que quizeram, pouco tempo depois da formação do

mundo, dar uma escalada ao Ceo, não entrasse todavia nesta conjuração, visto que *a sua teima era andar em busca da armada de Neptuno*. E aqui diz o Critico cousas mui galantes para ridiculizar a *patente de Capitão do mar*, que suppõem em Adamastor, e as *náus de linha de Neptuno*, e a *esquadra do Gigante etc. etc.*

Aos motes, e facécias do Critico nada respondemos; porque ainda não estudámos a sua linguagem. Ao que pode porem haver de serio, ou parecê-lo na sua nota contentamo-nos com repetir a excellente, e judicioza reflexão do *investigador Portuguez em Inglaterra* N. 12. pag. 38.

» A sagacidade do Poeta (diz o douto A. deste Art.) não é menos conspicua em escolher da mythologia um gigante, não que tivesse escalado os Ceos, mas que tivesse accomettido o imperio das ondas, e que mui propriamente increpa da maneira mais energica, e tocante os Protuguezes da mesma temeridade, e os ameaça com o seu castigo, e mais terriveis desastres. Isto é que se chama crear: isto é apprezentar o sublime em todas as suas relações etc. »

Por outra parte não julgamos que a ficção da *Armada de Neptuno*, ou da *armada de Adamastor*, e o nome, que a este se dá, *de Capitão do mar* seja mais inverosimil, ou mais ridiculo, ou mais digno dos motejos do Critico, do que a idêa da *carroça*, *e cavallos de Neptuno* em Virg. L. I. v. 160.; a dos *cavallos*, *e coche do sol* em Ovid. Metamorph. L. II., e outras muitas semelhantes, com que os grandes genios tanto tem enriquecido, e aformoseado o vasto imperio da poesia.

Tão pouco se devem attender os ridiculos, e

pouco decentes motejos, com que o Critico censura os amores de *Adamastor* com *Thetis*, e a intervenção de *Doris* no manejo destes amores. O Critico olha para estas ficções, como o espectador idiota olharia para um bello quadro allegorico, do qual ignorasse a substancia, e o valor. A sua alma parece absolutamente inaccessivel aos deliciosos sentimentos, que costumam produzir as graças encantadoras da sublime poesia.

Os amores de Adamastor com Thetis são mui judiciosamente, e com grande arte introduzidos neste Episodio para servirem de fundamento á transformação do gigante naquelle vasto promontorio, e para fazerem até interessante a sua situação. Eis-aqui o que a este respeito diz a memoria, que já citei, e a cujas reflexões se não pode negar mui distincto merecimento.

„ *Mr. de la Harpe* (diz ella) acha que a fabula dos amores de Adamastor para com Thetis é pouco interessante. Esta sua opinião é mais uma prova de que elle não sentio o Poeta. Camões sempre extraordinario neste Episodio me parece ter superado uma difficuldade quasi invencivel, quando depois de ter infundido espanto pelo primeiro aspecto, e pela falla de Adamastor acha o segredo de attrahir sobre este monstro pela sua segunda falla uma especie de interesse, e até de compaixão, diminuindo assim o terror, que as suas primeiras ameaças infundiram nos companheiros do Gama. Era natural que estes constrangessem o seu chefe a voltar á patria; mas o Poeta, humanizando de alguma sorte Adamastor na segunda falla, destróe assim o effeito da primeira: as difficuldades serão vencidas, e o cabo será dobrado etc. „

A intervenção de *Doris* nestes amores nada tem de inverosimil segundo a idéa, que a fabula nos dá das suas divindades. O Critico censura a *Faria e Sousa*, porque querendo explicar a propriedade, com que o Poeta escolhera a Doris para aquelle ministerio, diz que *era já velha*, e em abono da sua censura traz a grande razão de que as *divindades não estão sujeitas ás injurias do tempo*, *e da velhice!* O' que bella razão por certo! quanto é filosofica! quanto digna dos talentos do Critico! Ovidio a ignorava quando disse no Liv. XI das Metamorf.

Namque senex *Thetidi* Proteus; *Dea*, *dixerat*, *undae*,
Concipe: mater eris juveni, *qui fortibus actis*
Acta patris vincet...... etc.

Virgilio a ignorava quando no Liv. VII. da Eneid. v. 308 pôz na boca de Juno estas palavras

Ast ego, magna Jovis conjux nil linquere inausum
Quae potui infelix, *quae memet in omnia verti*,
Vincor ab Aenea....

E Homero tambem a ignorava, quando nos pintou os seus Deoses sujeitos a todas as paixões, enfermidades, e fraquezas humanas, derramando lagrimas, dando suspiros, e até algumas vezes feridos pelos homens, como *Marte* por *Diomedes etc. etc.*

Se Doris era, ou não, mais velha que Thetis, *apezar de ser esta já então cazada com Peléo*, *e mãe de filhos*, examine-o o Critico, se poder na genealogia destas divindades; mas saiba desde já (para se não equivocar no exame) que ha na fabula duas pessoas diversas com nomes semelhantes, mas diversamente escriptos, a saber *Thetys* e *The-*

tis. A primeira, filha de Urano e da Terra, rainha do mar, cazada com o velho Oceano, e mãe das nimfas do mar, da qual fala o nosso Poeta no cant. 1. est. 16, e depois no cant. 9. est. A segunda, mais moça, simples Nereida, mulher de Peleo, a qual o Poeta chama *princeza das agoas*, e della fala neste episodio (cant. 5. est. 52. 55. e 59.) Em paga desta noticia pedimos ao Critico mui encarecidamente que nos diga tambem quem é aquelle *Dom Leonardo de Sá*, que elle faz morto na costa da Cafraria em companhia de *Manuel de Souza de Sepulveda*, quando (a pag. 28 das Reflex. Crit.) falla tão lepidamente do *dom de profecia de Adamastor!* (24.)

Na *logração que Thetis*, e *Doris pregáram ao Gigante* (esta é a linguagem gravissima, e decentissima com que se explica o Critico) não ha *metamorfose alguma;* nem *o Gigante era cégo*, como o mesmo Critico mui avisadamente nos adverte, nem a *pedra estava alli*, nem nós sabemos *quem a poz*, *quem a fez*, *quem a trouxe*, e *quem a afeiçoou em Thetis.* E na verdade como poderiamos hoje saber, ou averiguar, depois de passados tantos seculos, esta formosa antigalha para desatarmos o implicado nó, com que se acha preso o nosso Critico?... Mas então lhe poderemos acazo explicar esta difficuldade, quando elle nos disser, por que artes o *senhor do inferno* poude tirar das montanhas de Java um *penhasco ardente*, dissolver com elle *montes amassados de neve eterna*, que

(24.) O Critico ignorava, que a formosa, e infeliz esposa do Sepulveda se chamava D. Leonor de Sá, e por isso a transformou em D. Leonardo de Sá. Esta transformação não é, por certo, apanhada a Ovidio, nem a Camões!

„ *Em grandes massas pelo mar* escôam „ ; arremessar contra as náos portuguezas (ao passar o cabo da Boa Esperança) *congellados montes*, e *frigidos colossos ;* excitar por este modo uma tempestade *milagroza* por ser

„ *Do mundo ás leis universaes alheia !* „

e de mais a mais aterrar ainda os pobres navegantes com a pavoroza apparição de um *fantasma*, que ao mesmo tempo

„ *Que a terrivel catastrofe carpia* „

lançava contra os Portuguezes soberbas ameaças; lembrava-lhes com grande tino politico que

„ *Um reino em sangue, em lagrimas fundado*
Não pode ser feliz, nem permanente „ ;

e finalmente se desfazia em *centelhas fulgurantes*, fazendo que as *ondas ao longe parecessem transformar-se em chamma pura*, *ou* em *brilhantes fósforos etc. etc.* (25)

O Critico sempre benigno, e sempre propenso para o bem lá acha todavia *alguma disculpa* ás incoherencias de Camões na *precipitação com que elle escrevia*, *e rimava tudo*, *quanto lhe lembrava*. O que porem lhe não póde desculpar, são *as faltas de juizo !* A polida frase, de que aqui usa o Critico, é tomada ao Padre Rapin, que tambem diz que Camões *n'a point de jugement*. Este Padre Rapin é o mesmo que escreve que *os versos de Camões são tão obscuros que poderiam passar por mysterios (sont si obscurs qu'ils pourraient passer pour des mysteres)* Um estrangeiro, que não sabe

---

(25) Esta altissima Poesia é toda do Critico no seu Gama C. VII, e certamente não é furtada ! . . . Quem assim escreve, forçosamente deve achar desvarios em Camões !

a lingua portugueza, e que essim ousa censurar o Poeta portuguez, merece despreso. Um portuguez que o segue, e copia, e repete os seus absurdos, não sabemos o que merece, nem que nome decente se lhe possa dar, e uma das mais notaveis, que nelle descobre, consiste em que o *Gigante tendo mudado da natureza sensivel, e intelligente para uma natureza insensivel, e isto pouco depois do desenvolvimento do Cháos, fosse tão geografo, e tão estudioso, já feito montanha, que tivesse conhecimento, e lição do Grego Ptolomeo, de Estrabaõ, de Pomponio Mela, e de Plinio o naturalista; etc.*

Mas a falta de juizo (se nisto ha alguma) está toda na má cabeça do Critico. O *Adamastor*, ou fosse *gigante*, ou fosse *montanha*, é certo que era guarda d'aquelles mares desde tempos antiquissimos que *tocam quazi no principio do mundo*, (como sabe o Critico) e guarda tão esperto, e vigilante, que lhe não escaparam as primeiras duas pequenas náos, com que Bartholomeu Dias ousou reconhece-lo, e violar a sua jurisdição. Sabia por consequencia muito bem que nunca alli haviam passado Gregos, nem Romanos, nem outros alguns povos de que os escritores destas duas nações tivessem noticia; de maneira que ainda sem lição, nem estudo algum bem podia dizer afoutamente que nenhum dos geografos antigos havia descripto em suas obras aquellas paragens.

O nomear estes escritores *pelo seu nome* mais difficuldade poderá fazer aos espiritos limitados: mas o Critico, que sabe perfeitamente que este gigante e seus irmãos participavam tanto ou quanto da natureza de divindades; pois que se atreveram

a escalar o Ceo, e a fazer guerra a Jupiter, e a Neptuno para uzurpar-lhes os seus respectivos imperios, não se admirará por certo de que elles tivessem noticia não só de Ptolomeo, Estrabaõ, Mela, o Plinio o *naturalista*, ainda que nunca houvessem lido as suas obras; mas tambem de outros escritores menos nomeados: por quanto as divindades costumam saber mais que os homens, por mais que estes sejam espertos, e atilados.

E' verdade que Adamastor pela sua metamorfose passou de gigante, que era, a uma natureza *insensivel*, *e bruta*, como excellentemente adverte o Critico: mas não é igualmente verdade que com isso acabassem *todas as funcções*, *todos os officios e todos os ministerios proprios da natureza racional*. Nesta consequencia falha mui desgraçadamente a erudição do Critico, ainda que brilhe com grande lustre a sua exacta, e severa filosofia.

Brilha a sua filosofia; porque segundo as idéas, que elle nos ministra, um ser, que por alguma sobrenatural operação passasse de natureza racional á insensivel, e bruta, nunca mais poderia pensar, ou conservar alguma de suas primeiras faculdades,

Mas *falha a sua erudição;* porque os antigos Poetas assentando de não se governarem á risca pelos rigores filosoficos fábularam muitos destes milagres, que posto não concordem com as idéas puras, e secas da nossa fisica, e metafisica; encantam todavia a nossa imaginação; e nos offerecem um mundo novo tão variado, como admiravel nos seus acontecimentos.

Ovidio, o mesmo Ovidio, que o Critico chama com razão *pai e autor de todas as metamorfoses*,

e de cuja auctoridade se vale (pag. 29) para censurar Camões; elle mesmo o desmente solemnemente, e refuta sem replica a sua reflexão.

No L. I. das Metamorf. Fab. 9. referindo a transformação de *Daphne em loureiro* diz:

» *Hanc quoque Phoebus* amat, *positaque in stipite dextra*
Sentit adhuc trepidare *novo sub cortice* pectus,
Complexusque suis ramos, ut membra, lacertis
Oscula dat ligno: refugit tamen oscula lignum »

E depois de narrar como Apollo lhe prognosticára os seus futuros altos destinos, continúa

» . . . . *Fatis modo* laurea *ramis*
Annuit: *utque caput*, visa est agitasse cacumen. »

Ora é mais que certo que se *Daphne* depois de transformada em arvore perdesse de todo *as funções da natureza racional*, nem Apollo, que era um Deos mui avisado, continuaria a ter-lhe amor » *hanc quoque Phoebus amat* » ou lhe sentiria *estremecer o peito debaixo da cortiça* » *trepidare novo sub cortice pectus* » ou lhe imprimiria *seus amantes osculos* » *Oscula dat ligno* » nem a mesma *Daphne* recusaria estes sinaes de amor, e ternura » *refugit tamen oscula lignum* » e muito menos aceitaria o auspicio feliz » *Fatis annuit* » ou agitaria seus ramos em testemunho de prazer e alegria » *visa est agitasse cacumen.* »

No Liv. X. Fab. 9. e 10, nos mostra o Poeta a desgraçada *Mirrha* convertida em *arvore*; e todavia *derramando lagrimas:*

» *Flet tamen: et tepidae manant ex arbore guttae* »

e o que mais é, que já *depois de ser arvore* lhe cresce o filho no ventre

» *At male conceptus sub robore creverat infans;*

Quaerebatque viam, quà se, genitrice relicta,
Exsereret: media gravidus tumet arbore venter.»
e chegado o tempo de o dar á luz, ainda que não pode chamar Lucina;
» *Nitenti tamen est similis, curvata que crebros*
Dat gemitus *arbor, lacrymisque cadentibus humet etc.* »

O proprio Ariosto (em quem o Critico tanto confia) falla de um cavalleiro convertido em *planta* pelos encantos de Alcina (26) o qual assim mesmo transmudado em natureza *irracional, e insensivel*, falla e discorre largamente, conta a *Ruggeiro* suas infelicidades, e emfim só torna a ser restituido á sua primeira forma, quando o foram outros muitos, a quem a Fada tinha feito a mesma peça (27).

Eisaqui pois exemplos bastantes a tranquillizar os escrupulos do Critico, e a mostrar que, segundo o systema poetico, o Gigante Adamastor ainda depois de transformado em montanha podia fallar, ameaçar, *estudar, e profetisar* como quizesse, e soubesse: que nem elle *mentio em dizer que era Cabo; nem* o Gama *em dizer que elle lhe apparecera, e lhe fallara:* e finalmente que é *um absurdo*, uma *manifesta falta de juizo;* e um *altissimo disparate* no Critico estranhar uma coisa tão usual na *Chronica de Ovidio*, e censurar Camões por aquillo mesmo que o faz grande, e admiravel a juizo de todos os doutos.

O Critico depois de ter assim mostrado que o Episodio de Adamastor é entre os *disparates de Luiz de Camões o maior disparate*, passa uma

(26) Cant. VI. Est. 27, e seg.
(27) Cant. VIII. Est. 15.

revista a todos os mais erros, e disparates do Poeta para acabar emfim de convencer-nos de que a immortal obra dos Lusiadas deve ser colocada entre os *Gamas*, *Soliloquios*, e *Sebastianistas*, e não merece a estimação, que injustameute tem uzurpado pelo espaço de dous seculos e meio a toda a Europa sabia.

Começando (diz elle pàg. 30) *pelo primeiro disparate do primeiro canto, que é Jupiter decretar a queda do Mahometismo, até ao ultimo disparate* do canto ultimo, *que é Thetis, a mãe de Achilles, chorar a morte do Apostolo S. Thomé, não ha nos Lusiadas mais do que absurdos, e incoherencias!*

Este *primeiro disparate*, que o Critico nota em Camões, é uma insigne falsidade: porque em todo o canto I. não se acha o allegado *decreto de Jupiter* para a *abolição do Mahometismo.* O unico decreto, que ahi vem expresso é este: (Est. 29)

» *Que sejam, determino, agazalhados*
Nesta costa Africana como amigos,
E tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota. »

e se Jupiter favorece assim aos Portuguezes, é porque sabe que (Est. 28)

» *Promettido lhe está do fado eterno,*
Cuja alta lei não pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do sol a roxa entrada etc. »

O ultimo disparate é uma insigne ignorancia do Critico; porque ainda pondo de parte a satisfação que o proprio Poeta a isso dá nas oit. 89, 90, e 91 do Cant. IX, e depois nas oit. 82-85 do Cant. X. é certo que *Thetis*

„.................. *que alli viera*
Por alta influição do immobil Fado:„

Nada mais podia dizer, ou vaticinar, senão o que o mesmo Fado tinha decretado, e lhe ordenava que dissesse; e por isso (bem que muito lhe pezasse) havia de lamentar a morte do S. Apostolo, e fallar delle segundo a *ordem verdadeira*, *eterna*, *e immudavel das coisas*, que é o que se pode, e deve entender por *Fado e Destino.*

Tem o poema (continua o Critico) *dez cantos: o primeiro vai-se no concilio dos Deoses; e só na oitava 44 apparece Vasco da Gama, sem que a sua viagem, que é a acção principal, appareça na proposição do poema; e sem virmos a saber que elle é o heroe senão passado o meio do primeiro canto.*

E' falso e falsissimo que o primeiro canto dos Lusiadas não contenha mais que o *concilio dos Deoses*. O 1.° canto contem a *Proposição* do poema nas 3 primeiras oitavas; e a *Invocação* nas 15 seguintes.

Na oitava 19 começa a *Narração.* O concelho dos Deoses é descripto desde a oitava 20 até á oit. 42, dalli em diante continua a narração até o fim do canto, que tem 106 oitavas.

E' falso, e falsissimo que Vasco da Gama sômente appareça na oit. 44; porque na oit. 12, já o Poeta faz delle menção pelo seu nome, e assaz o designa como primeira figura do Poema pela comparação, que delle faz com *Eneas:*

„ *Dou-vos tambem aquelle illustre Gama*,
Que para si de Eneas toma a fama.„

E' outra vez falso, e falsissimo, que a *viagem de Vasco da Gama* seja a acção principal desta Epopeia. A acção principal é o *descubrimento da In-*

dia pelos Portuguezes. O Poeta o diz na sua *proposição*, e o proprio Critico o reconhece tanto no *Discurso Preliminar* do seu *Gama* (pag. VI.), como nas mesmas *Reflex. Crit.* pag. 31. Vasco da Gama diz-se o heroe do Poema; porque é o capitão da expedição, e o principal encarregado d'aquelle descubrimento. Aliás a Epopeia não é o *louvor de um heroe*, que se propoem por modelo: mas sim a *narração de uma acção grande*, que se offerece para exemplo á imitação dos homens.

O Poema tem dez cantos: (torna a repetir o Critico) *o fim do segundo, todo o 3.°, 4.°, e 5.° e parte do 6.° se leva em tecer miudamente a historia de Portugal, contada dentro de um batel ao pacientissimo e insomne Rei de Melinde.*

E' tambem falso, e falsissimo, o que aqui tão descaradamente affirma o Critico. No fim do canto II. não ha uma só palavra tocante á historia de Portugal. No canto III. querendo o Gama satisfazer á curiosidade do Rei de Melinde faz primeiro a elegantissima, e mui poetica descripção geografica da Europa: na oit. 22 é que começa a narrar, não com miudeza, mas succintamente a historia de Portugal, em que gasta o resto do C. III.; e parte do IV, até á oit. 68. e nada mais. São somente 188 oitavas empregadas neste assumpto: d'ahi em diante continúa a narração do Poema.

Camões seguio nisto o que antes delle haviam feito *Homero*, e *Virgilio*. Homero para conservar a unidade da acção, tão essencial ao Poema Epico, transporta-se ao meio dos acontecimentos, e começa pela discordia dos capitães, e só depois é que enlaça com arte a narração das cauzas mais

importantes, que diziam respeito ao seu assumpto; mas que se tinham passado antes d'aquella funesta dissensão.

Virgilio appresenta o seu heroe navegando da Sicilia para a Italia, e arrojado por uma tempestade ao reino de Dido. Ahi é que conta á Rainha no 2.ª e 3.º livro as aventuras, que antecedentemente lhe haviam acontecido na ruina de Troia, e no decurso da sua navegação; as quaes, posto que intimamente ligadas com a acção do Poema distruiriam com tudo a sua unidade, se fossem contadas segundo a ordem didactica, e chronologica.

Camões transporta igualmente os Argonautas Portuguezes ao meio da sua viagem, e

» *Já lá da banda do Austro, e do Oriente,*
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São Lourenço »..... (28)

navegando para Melinde, aonde como achassem benigno acolhimento, e segura paragem, introduz o Poeta com arte a narração dos precedentas feitos, que tinham relação com a acção principal, e entre elles a origem, fundação, e historia succinta da Monarquia Portugueza, cujos progressivos augmentos haviam sido como uma preparação para a arrojada empreza maritima, que agora îam executar.

O Poeta não canta um heroe, como já acima dissemos: celebra um *povo de heroes*, celebra os descendentes de Luzo » *os Lusiadas* »

» *Aquelles, que por obras valerosas*
Se vão da lei da morte libertando »
C. I. est. 2.

(28) Lusiad. C. I. Est. 42.

"..... *o peito illustre Lusitano,*
A quem Neptuno e Marte obedeceram"
ib. est. 3.

e toma como principal objecto da sua grande empreza *o descubrimento da India*, que se pode reputar como centro de todas as grandes scenas da historia Portugueza, que ou tendiam a preparar os Portuguezes para aquella grande acção, ou della dimanaram e se seguiram.

Ce n'est pas seulement (diz Millié) *un héros qu'il chante: c'est un peuple de héros: c'est la fondation d'un empire en Orient: ce sont tous les faits glorieux, qui ont préparé cet incroyable essor de la puissance portugaise. Dans tous ces événements rapprochés les uns des autres, il aperçoit un grand drame historique, dont l'expedition de Gama n'est que le dernier acte... etc.*

(Notes du chant prémer)

Parte, e mui grande parte (diz ainda o Critico) *do 6.° Canto se leva com a historia dos doze de Inglaterra, cousa estranhissima da acção principal. Tado, ou quasi todo o Canto 8.° se consome outra vez com a historia de Portugal.*

E' falso, e falsissimo que mui grande parte do Canto VI. se gaste com a historia dos doze de Inglaterra.

Este Episodio somente occupa 31 oitavas, de 99 que tem o Canto. O seu objecto não se pode reputar estranho de um poema, em que se celébra o valor, a coragem, e a nobre ousadia, e heroismo dos Portuguezes; antes mui proprio para consolar os illustres navegantes de seus passados trabalhos, e para confortar sua constancia nos que ainda podiam sobrevir-lhes.

K

E' não menos falso que *todo, ou quasi todo o Canto 8.° se consuma com a historia de Portugal.* Este Canto consta de 99 oitavas, das quaes somente 42 contem a descripção das pinturas, que ornavam as bandeiras, e mais tapeçarias da Capitania Portugueza, e que mostravam os principaes Heróes, que em differentes idades tinham honrado, e illustrado a Nação (29).

No fim deste Canto 8.° (diz finalmente o Critico) *acaba-se toda a acção do Poema, que é o descubrimento da India: e não só depois de concluida a acção; mas fóra já do lugar da acção, vem dous grandes Cantos, o* 9.° *e* 10.° *etc.*

---

(29) Não entendemos na verdade a razão porque o doutissimo Portuguez Francisco José Freire, mais conhecido entre nós pelo nome de Candido Lusitano, nota esta descripção de Camões como cousa inverosimil. Porque se o diz pela multidão de figuras e feitos, que o Poeta aqui descreve, quem duvida que muitas mais figuras, e maiores casos se poderiam pintar não só nas bandeiras, e tapeçarias de uma náo; mas ainda em menor espaço? E se o diz por lhe parecer esta descripção alheia do assumpto do Poema, tambem nisto nos parece falha o seu bom juizo; por quanto nada ha mais natural do que fallar dos Heróes Portuguezes n'um Poema, cujo fim é engrandecer, e exaltar o valor, e a gloria da Nação: nada mais proprio das circunstancias do que inspirar grandes idêas da nossa gente ao Catual de Calecut, com cujo soberano pretendiamos estabelecer perpetua, e firme união de amizade, e commercio. Nós por certo não achamos, nem mais verosimilhança, nem mais coherencia na longa descripção, que Virgilio faz por mais de 100 versos do escudo de Eneas, aonde com admiravel arte mostra a origem, os feitos heroicos, e a futura gloria do Povo Romano.

La-Harpe, menos generoso que o nosso Critico, dá por acabado o Poema no Canto VII., quando Gama chegou a Calicut, sem advertir, que esta chegada se verificou no fim do Cant. 6., e que, segundo o seu juizo, o cant. 7 já fica fóra do Poema! O nosso Critico dá a mesma acção por acabada no fim do Cant. 8.°; mas se a acção do Poema é como elle aqui diz o *descobrimento da India*, e se para este descobrimento ser completo não era necessario que Gama voltasse a Portugal, não sabemos a razão porque elle se digna comprehender na acção os dous Cantos 7.° e 8.°

Ha pouco tempo nos disse o Critico que a acção do Poema era a viagem de *Vasco da Gama;* porque assim lhe convinha então para o seu intento. Agora diz-nos que é *o descubrimento da India*, para mostrar que descuberta a India tinha acabado a acção. Miseravel contradicção, e infructuoza astucia do Critico! Se a acção do Poema fosse a *viagem do Gama*, esta devia acabar em Lisboa, donde o Herôe partira. Se é porem o descubrimento da India, como na verdade é, claro está que o Poema deve igualmente conduzir o Herôe a Lisboa: já porque o descubrimento é ordenado por ElRei D. Manuel para gloria, e utilidade da gente Portugueza: já porque se Vasco da Gama não voltasse, não ficaria em realidade descuberta a India, senão para elle, e seus companheiros; e a acção perderia toda a grandeza e interesse, que lhe resulta das vantagens, que por ella vieram á Europa, e ao Mundo inteiro.

Mas continuemos ainda com as incoherencias e *absurdos* dos Lusiadas; isto é, com as mentiras, e falsidades do Critico.

Venus (diz elle pag. 32) *se determina a proteger constantemente os Portuguezes: porque acha entre a sua linguagem, e à Romana uma grande relação, ou semelhança, ou analogia. Dar a Venus um gôsto grammatical é cousa tão tediosa, e repugnante, que authoriza bem a invectiva do Inglez Blair contra os Lusiadas.*

Não achamos no Inglez Blair invectiva alguma *contra os Lusiadas.*

O Critico Inglez, no pouco que escreve ácerca deste Poema, censura na verdade a mistura, que nelle se observa *do sagrado com o profano*, e allúdindo, segundo parece, ao Cant. 10. est. 82, julga pouco feliz a coarctada, com que Thetis pretende explicar e desculpar aquella mistura. Comtudo diz, que tanto o sujeito como os incidentes da obra são magnificos, e que apezar de uma ou outra irregularidade, que nella se descobre, apparece na execução *muito espirito poetico*, *muita força de imaginação*, *e grande belleza nas descripções*. E vindo em particular ao episodio do Adamastor, diz que elle *basta para confundir os inimigos de Camões*, e para collocar este illustre Varão *entre os Poetas de primeira ordem.*

Outra falsidade do Critico! Venus amava, e favorecia a gente Lusitana

„ *Por quantas qualidades via nella*
Da antiga tão amada sua Romana
Nos fortes corações, na grande estrella
Que mostraram na terra Tingitana. „

E a esta razão, que mui honroza é para os Portuguezes, ajuntava-se a outra da semelhança

da linguagem, menos principal na verdade; mas não indifferente para o fim do Poeta (30).

E' um Poema affrontosissimo (torna o Critico) *para duas Soberanos deste Reino D. Thereza, e D. Leonor.*

Aqui não podemos deixar de louvar as piissima intenções do Critico, e o profundo respeito, ques mostra a pessoas tão dignas da nossa veneração.

Mas ácerca da Rainha D. Thereza cumpre notar em defensão do Poeta; 1.° que elle mesmo falla dos defeitos desta Senhora segundo o *rumor antigo*, que corria entre os Portuguezes, sem afiançar a certeza dos factos, antes mostrando duvidar delles. (Cant. III. Est. 29.)

» *Mas o velho rumor, não sei se errado,*
(Que em tanta antiguidade não ha certeza)
Conta que a mae tomando todo o estado
Do segundo hymeneo não se despreza etc. »

2.° Que o Licenciado Manuel Correa commentador, e contemporaneo do Poeta, censurando-o neste ponto, confessa todavia que os *nossos chronistas, e alguns Castelhanos* haviam posto em es-

---

(30) Não temos lido a invectiva do Inglez Blair contra os Lusiadas; nem nos importa que ou elle, ou o Critico tenham por cousa tediosa, e repugnante o dar a Venus um gosto grammatical. Sómente lembramos aqui que as relações da linguagem são uma das provas mais demonstrativas da filiação dos povos, e da analogia do seu caracter; e que Camões lançando mão desta relação para mostrar a semelhança dos Portuguezes com os Romanos está tão longe de mostrar um gosto grammatical ridiculo, que pelo contrario indica uma verdade mui fundamental, e mui filosofica, que o Critico não alcançou, nem entendeo.

critura o mesmo, que Camões diz no seu Poema. 3.° Que a primeira antiga chronica d'ElRei D. Affonso Henriques, que depois foi retocada, e apurada por Duarte Galvão, havia adoptado a mesma tradicção, que corria no Povo (31.) 4.° Que ainda hoje depois de se haver discutido esta materia por uma e outra parte, não duvidou *La Clede* dizer que a Rainha D. Thereza

» esquecida do que devia á sua qualidade,
» á sua consciencia, e ao sangue nobre de
» que procedia, se soltou á mais abomina-
» vel devassidão, e se cazou ás escondi-
» das etc. (32.)

Pelo que respeita porem á Rainha D. Leonor, falla o Critico com grande ignorancia de nossas cousas, quando diz que não ha *documento algum authentico* na historia, que prove a immodestia d'aquella Princeza, e os seus galanteios com o Conde Andeiro.

Se por *documento authentico* entende o Critico algum *instrumento publico* lançado em notas, ou *libello de repudio*, ou *querella de adulterio* posta em juizo, ou outro semelhante, razão tem para fallar assim; mas se quer tambem entender o testemunho fidedigno, e incontrastavel da mesma historia fundado em acontecimentos publicos, postos em escritura quazi contemporanea, nunca desmentidos pelos mais serios Historiadores etc. etc. engana-se mui grosseiramente, e mostra (como dizemos) grande ignorancia de nossas coisas.

A primeira prova, que temos da vergonhoza in-

(31) Barros Dec. III. L. I. Cap. IV.
(32) Hist. de Port. L. V.

continencia da Rainha D. Leonor, é o seu proprio cazamento com ElRei D. Fernando, celebrado ainda em vida de João Lourenço da Cunha, com quem ella era cazada, e de quem se não havia separado legitimamente. Cazamento que foi contrahido por isso mesmo contra vontade de muitos Senhores, e de todo o Reino; cazamento que obrigou ElRei a regeitar a Infante D. Leonor, filha de D. Henrique Rei de Castellã sem embargo da promessa, que havia feito de a receber por mulher: e cazamento emfim, que por estes e outros muitos motivos veio a ser uma das grandes origens dos immensos males, que sobrevieram a Portugal neste pouco ditoso Reinado.

Outra prova não menos demonstrativa do immodesto procedimento da Rainha são os desgraçados amores, que tomou ainda em vida d'ElRei, com o Conde Andeiro: amores que chegaram a desgostar entranhavelmente o Monarca depois que conheceo as feas traições de sua mulher, a quem aliás amava com cega paixão: amores que occasionaram a morte violenta do Conde, desejada, e tentada ainda em vida d'ElRei; mas só effeituada depois da sua morte em desagravo de sua propria honra, e da Nação (33): e amores finalmente que promoveram, e fomentaram em grande parte as publicas perturbações, discordias, e guerras, que tão fataes foram a Portugal, e que o arrastariam á sua total ruina, se a Providencia lhe não deparasse então no grande e invicto Mestre d'Aviz, e no illustre, valerozo, e magnanimo

(33) Chron. de D. João I. por Duarte Nunes de Leão Cap. III-VI.

Condestavel dous apoios tão firmes, e tão incontrastaveis, quaes se precizavam n'aquellas criticas circunstancias para salvação da Monarquia, e para gloria e honra immortal dos Portuguezes.

A' vista das quaes provas, summariamente indicadas, se pode ajuizar quão intempestiva, e dezasizada é a *piedade* com que o Critico pertende encubrir, ou disfarçar este tamanho defeito da Rainha D. Leonor, o qual, ainda que não fosse tantas vezes inculcado, e comprovado nas nossas historias, nada teria de incongruente com o caracter de esta Senhora, e com os impios sentimentos, que ella mostrou em muitas occasiões, e maiormente na abominavel traição, que por pura inveja maquinou, e effeituou contra a honra, e vida da sua propria irmã; e nos enredos, que tambem atraiçoadamente moveo contra a liberdade, e vida o Mestre de Aviz, que depois foi Rei destes Reinos, e nobre ornamento de todos os thronos do Universo (34).

---

(34) O Critico, que aqui se mostra tão entendido nas historias Portuguezas, e tão pontual na piedade para com os Principes, parece não seguir o mesmo plano no seu Gama. No Cant. VIII. pag. 182, adopta a opinião da origem Hungara do Conde D. Henrique, tomando-a por ventura de Camões C. III. Est. 25; mas esta opinião que no tempo do Poeta se podia seguir sem nota, é hoje um erro grosseiro, visto haver-se demonstrado por memorias contemporaneas que o Conde foi neto de Roberto I. Duque de Borgonha, e bisneto de Roberto o sabio Rei de França. No mesmo lugar a pag. 183 diz que El Rei D. Affonso II.

» Co' a mão, que o ferro empunha, empunha o arado;
Dilata o Reino em base mais segura,

O Critico não contente de ter vilipendiado Camões como Poeta volta-se agora para outro genero de ataque, verdadeiramente novo, nunca intentado por algum outro Critico, e filho unicamente do ciume, com que parece olhar todo o superior merecimento, que o deslumbra.

Diz pois com affectada piedade (antes manifesta hypocrisia) que tudo o que *desapaixonadamente* tem ponderado, lhe faria desprezar altamente os Lusiadas, se não achasse a tudo *desculpa na mesma vida, e situação do Poeta, que compoz entre as extremas mizerias da vida, e acabou o Poema na ultima indigencia, que soffreo em Moçambique, onde conforme o testemunho do seu matalote, e amigo Diogo do Couto comia de amigos, nem tinha uma camiza de seu.* E daqui deduz com admiravel logica, que este *soldado chamado Luiz de Camões* não é aquelle, cuja genealogia é tecida por Manuel de Faria e Souza, e começada em Vasco Peres de Camões etc.

Nós poderiamos facilmente desprezar esta reflexão do Critico, sem que dahi se seguisse o mais leve argumento contra o nosso Poeta: porque não é a fortuna, a riqueza, ou o explendor do nasci.

Dá leis, dá força á doce Agricultura. »
Sendo que este particular cuidado da Agricultura é constantemente attribuido na nossa historia a Sancho I, chamado por isso o Povoador, e Pae da Patria; e não de Affonso II, ainda que este fosse o primeiro Monarcha, que fez algumas leis geraes para governo do Reino. A pag. 185 passa pelas guerras, que ElRei D. Affonso IV, moveo, quando Principe, a seu pae D. Diniz, e contenta-se com chamar-lhes guerras injustas; devendo dizer impias, e nefandas, etc. etc. etc.

mento o que faz os homens grandes em litteratura, ou dá valor a suas obras; nem Camões precisa deste accidente para conservar na memoria da posteridade o distincto lugar, que sem respeito a elle lhe grangearam seus sublimes talentos, e obras immortaes.

Mas não nos soffre o coração que um Critico de dous dias movido de baixos, e indigos sentimentos ouse pôr em questão, e até contradizer positivamente com razões pueris e ridiculas a nobreza de Camões, attestada pelo comentador contemporaneo, e familiar amigo *Manuel Correa;* desenvolvida, e demonstrada na *vida do Poeta* (quarenta e cinco annos depois da sua morte) pelo douto antiquario o chantre de Evora *Manuel Severim de Faria:* sustentada pelo erudito historiador *Manuel de Faria e Sousa*, e constantemente acreditada por todos os escritores Portuguezes, que acazo, ou de proposito fallaram do Poeta.

Uma das razoẽs, em que o Critico se funda para combater esta geral opinião, é a propria pobreza, em que viveo, e morreo Camões: como se esta fosse desconhecida d'aquelles escritores, que o chamaram nobre, e mostraram a distincta qualidade de sua pessoa; e como se não vissemos todos os dias exemplos ainda mais notaveis dos caprichos da fortuna, e da inconstancia dos seus favores até nas classes mais elevadas da sociedade?

A outra razão do Critico, ainda mais pueril, e ridicula (se é possivel) que a primeira, é fundada no diminuto estipendio de *dous mil réis,* que diz haverem-se dado a Camões por embarcar *como soldado plebeo*, segundo o assento, que se achou na caza da India.

A este *assento* dá Faria e Souza (se a memoria nos não engana) o nome de *lista*, *ou registro de todas as pessoas mais principaes*, que passaram á India. A circumstancia de ir como *soldado plebeo* é accrescentada pelo Critico: nem a milicia Portugueza antiga conheceo jamais semelhante qualificação. O estipendio era de dous mil e quatro centos réis, e não de dous mil réis, como diz o Critico para em nada fallar verdade. E que este estipendio não fosse pequeno para aquelles tempos prova-se bem do que diz João de Barros na Dec. I. L. XIII Cap. III. (35)

Ultimamente ainda restam ao Critico alguns es-

---

(35) O assento da caza da India diz somentte recebeo dous mil e quatro centos rs., e não declara se era soldo, ou ajuda de custo, se paga mensal, ou annual. João de Barros no lugar citado, fallando da armada em que foi o primeiro viso Rei D. Francisco de Almeida, no anno de 1505 diz que iriam nella até mil e quinhentos homens de armas, todos gente limpa, em que entravam muitos Fidalgos, e moradores da caza d'ElRei; e que o soldo que então geralmente se lhes assentou eram oito centos reis por mez; e depois que chegassem á India tinham mais quatro centos reaes de mantimento etc. O reparo do Critico é tão insensato, como seria se elle duvidasse da nobreza d'ElRei D. João III por haver consignado á sua futura esposa quatro contos de reis cada anno para o governo de sua caza, em quanto não vagassem as terras que lhe pormettia [H. G. Tom. III pag. 523] ou tambem da nobreza de Carlos V. por dar a sua irmã a Senhora D. Catharina 200$ cruzados de dote; e 5$ annuaes para o governo e sustento de sua caza, para cazar com o mesmo Senhor Rei D. João III. [ibid.] quantias que hoje dotaria qualquer caza opulenta de Portugal.

erupulos, e ainda a nós se nos faz preciza mais uma pouca de paciencia.

Nota elle que no principio da Canto VII., aonde se trata da chegada do Gama a Calecut, *neste lance o mais interessante do Poema, como a peripecia, em que não podia haver interrupção alguma; repentinamente se esquece o Poeta de si, da acção, do heroe, e de tudo; e desembesta* (36) *com uma diatribe, ou tirada violentissima contra os Potentados, e Nações Europeas etc.*

Era um costume mui uzual nos tempos de Camões, introduzirem os Escritores de verso, ou proza em certas paragens de suas obras, e principalmente no fim ou principio das grandes divizões algumas reflexões moraes, que as circunstancias lhes inspiravam, e que elles julgavam convenientes ou para instrucção dos leitores, ou para darem um interesse mais directo ás suas obras, ou para com isso recrearem, e darem alivio ao espirito fatigado da precedente leitura (37).

---

(36) Este vocabulo desembesta tem notavel propriedade para o Critico. Elle o emprega como cousa mui propria sua, e não é facil que alguem escolha melhor os ermos que lhe convem.

(37) Este costume não era privativo dos escritores Portuguezes. Veja-se Ariosto no principio de quasi todos o Cantos. No meio do Canto XVII. Est. 74-80 ha uma invectiva semelhante a esta de Camões. O nosso Poeta foi muito mais moderado neste ponto, do que os seus contemporaneos. Millié na ult. not. ao Canto 1.° não duvida dizer que as eloquentes moralidades, com que o Poeta termina quasi todos os seus Cantos são por ventura os passos mais bem trabalhados da sua obra. O leitor, diz elle, notará particularmente os que terminam os Cantos 5. 6. e

Nós nem aprovamos, nem reprovamos em geral esta practica: mas se ella tinha algum lugar na Epopeia, em nenhum por certo viria mais a proposito do que no principio do Cant. VII., quando tendo o leitor chegado com os Argonautas Portuguezes ao dezejado termo do seu descubrimento, e tendo (digamos assim) soffrido com elles os immensos trabalhos, e contrastes de tão dilatada, e perigosa viagem; naturalmente se compraz de gozar alguns momentos de util descanço, que o Poeta com tanta arte lhe prepara e offerece.

A chamada *invectiva*, que se contem nestas quinze oitavas contra as diversas Nações da Europa, não era aliás tão alhea do objecto do poema, como o Critico quer suppor. O fim geral de Camões era louvar, e engrandecer a Nação Portugueza, aqual sendo de si pequena, e de pequenas forças, tinha por seu valor e esforço não só assegurado a sua liberdade, e independencia na Europa; mas guerreado os Mouros em suas proprias terras, e executado muitas outras emprezas gloriosas em augmento do seu Rei, e da sua Patria, e para bem da Religião, e do mundo inteiro. Daqui é que toma occazião de reprehender as outras Nações Europeas, que muito pelo contrario, só empregavam sua grandeza, e forças em combater umas com outras por mesquinhos interesses; e talvez em sustentar com as armas a falsidade das opiniões religio-

---

9. O Poeta se eleva então á altura de uma filosofia grande e forte, trazendo a poesia ao seu fim primitivo, o de instruir os homens na virtude. O Poeta se abandona nesses lugares a todo o calor da sua alma, e se esforça a excitar no coração dos seus compatriotas os nobres sentimentos de que elle mesmo se achava penetrado. . , . etc.

zas, com que dividiam, e affligiam a Igreja de Jezu-Christo.

Não nos admira que o Critico *estoure com rizo* lendo a invectica de Camões contra o Gallo indigno; *porque reprova o canto ecclesiastico*: mas excita-nos compaixão e magoa a pasmoza ignorancia ou pertinaz preocupação, com que o Critico lê Camões. O Poeta não reprehende a Nação Franceza, porque ella *reprovasse o canto ecclesiastico*: semelhante fatuidade não podia entrar em uma cabeça sã: reprehende-a sim pelo contrario de fazer guerra a Christãos, devendo-a antes fazer a Turcos, e Mouros; e explica-se deste modo. Cant. VII. Est. 7.

» *Achas que tens direito em senhorios*
De Christãos, sendo o teu tão largo, e tanto;
E não contra o cynifio, e Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se hão-de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto »

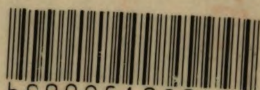
Os dous rios denotam Mouros, e Turcos, por ser um em Africa, e outro no Egypto, onde o Turco domina. *Alli* é que o Poeta quer empregados os *fios da espada* nos infieis, *que reprovam o canto da Igreja;* isto é, que reprovam, e odeiam a Religião Christã, e as suas sagradas ceremonias. Este é o sentido de Camões.

Conclue finalmente o Critico, dirigindo-se ao seu Attico com estas palavras » *só vos sei dizer que se algum Poeta da nossa idade, apparecesse com um semelhante montão de inepcias. . . Que aconteceria? Talvez que se* applaudisse, *e não apparecesse contra elle uma tempestade de rombos, e insultissimos epigrammas, com que se atacam obras talvez mais acabadas, e perfeitas.*

Não, não tema o Critico nem uma nem outra cousa. Um genio como Camões costuma ser mui raro, e a nossa idade não nos dá esperança de o vermos reproduzido. Mas se Portugal está destinado para accrescentar essa Coroa às outras, que adornam sua magestoza fronte, os sabios, e eruditos Portuguezes o applaudiraõ como devem; e só lançaraõ justissimos *epigrammas* contra o escritor temerario, e ignorante, que seguindo a trilha do Critico pertender deslustrar com odioza satyra o merecimento abalisado, e as obras destinadas á IMMORTALIDADE.

FIM.




89006196844
b89006196844a